

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA – LICENCIATURA PLENA

Vinícius Salvatori Barcelos

**A PERPECTIVA ONTOLÓGICA DA HISTÓRIA EM REINHART
KOSELLECK**

Santa Maria, RS
2022

Vinícius Salvatori Barcelos

A PERSPECTIVA ONTOLÓGICA DA HISTÓRIA EM REINHART KOSELLECK

Trabalho de conclusão de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Licenciado em História**.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Armani

Santa Maria, RS
2022

Vinícius Salvatori Barcelos

A PERSPECTIVA ONTOLÓGICA DA HISTÓRIA EM REINHART KOSELLECK

Trabalho de conclusão de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Licenciado em História**.

Aprovado em 03 de agosto de 2022.

Carlos Henrique Armani, Doutor (UFSM)
(Presidente/Orientador)

André Atila Fertig, Doutor (UFSM)

Fabício Antônio Antunes Soares, Doutor (PUC-RS)

Santa Maria, RS
2022

À vó Cema, que cuida de mim desde que eu nasci. Minha existência está profundamente entrelaçada com a existência da vó Cema. Obrigado por tudo, vó!

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pelo acolhimento, pela oportunidade de abertura para o novo, pelo ensino público de alto padrão.

Ao professor André Fertig, com quem tive a honra de ter a minha primeira aula no curso de história – aula de teoria da história – que foi justamente a disciplina pela qual despertei interesse nesses anos de estudos pela história. Minha eterna gratidão, professor. Devo a você parte dos meus conhecimentos adquiridos durante estes 4 anos de graduação. Ademais, agradeço o aceite para compor a banca deste trabalho.

Às professoras e professores do curso de história da UFSM, por todos os valorosos ensinamentos!

Ao professor e orientador deste trabalho, Carlos Armani, o qual eu tive a sorte em encontrá-lo no quarto semestre do curso. Quem me aproximou do professor Armani foi ela, a teoria da história, área a qual temos interesse em comum. Obrigado, professor, por cordialmente ter aceite orientar minhas pesquisas, desde o quarto semestre até o final desta monografia. Agradeço pelas valorosas orientações, pelo suporte intelectual, pela confiança, pela paciência, pela compreensão, pelos densos debates, pelos papos descontraídos e, sobretudo, por ensinar a complexificar a reflexão sobre a história.

Ao professor Fabrício Antônio Antunes Soares, por ter aceite participar da banca deste trabalho, pelo debate, por ter feito ótimas sugestões para a melhoria desta pesquisa.

Ao amigo Pedro Barbieri, pela amizade, pelos conselhos, pelos “cafés teóricos” no La “loba”, por me inserir melhor no mundo do indie rock, por ser este amigão tão gentil. O devir jamais esfacelará a nossa amizade, pelo contrário, fortalecerá.

Ao colega e amigo Marko, por ser este amigo leal e companheiro.

Ao colega e amigo Carlos Eduardo, pela amizade nestes 4 anos de graduação, que transitaram entre trabalhos em grupos e reflexões sobre a vida.

Ao colega e amigo Thales Ferraz, pela amizade, pelas discussões sobre educação, por ter se aproximado.

Ao colega e amigo Eduardo Orlandi, pela parceria nestes 4 anos de graduação, por sempre colocar boas expectativas em mim.

Ao colega e amigo Bruno Machado, pela amizade, pela parceria nos trabalhos em dupla, pelos cafés regados de boas risadas.

Ao amigo e professor Pedro Leal, pela amizade, pelos debates em teoria da história.

À amiga Maria Eduarda Finger, por ter ido nas monitorias, pelos conselhos e por acreditar em mim enquanto estudioso da teoria da história

À amiga Luana Brittes, pela amizade, pelos conselhos e por ser tão gentil comigo.

Ao amigo Lucas Santarem, pela parceria desde os tempos de Ensino Médio, pelos conselhos, pelo companheirismo, por sempre cultivar a nossa amizade, pelos churrascos de domingo.

À Litiele Oestreich, minha cunhada e amiga, pela ótima correção deste trabalho, pela parceria em Paraíso do Sul.

Ao meu primo, amigo e Barbeiro Mateus Salvatori, pelos conselhos, pela parceria de sempre – e por cortar tão bem o meu cabelo.

À Flávia Salvatori, minha irmã, pelos diálogos, pelos conselhos, por confiar em mim, por ter sempre me incentivado a cursar história na UFSM.

Ao Felipe Müller, meu cunhado, pelos longos debates sobre política, pela amizade, pelos conselhos, por ter me incentivado a cursar história na UFSM.

Ao Lucas, meu sobrinho, fonte de felicidade de toda família.

Ao senhor Gilnei Castro Müller, pela amizade, por ter emprestado vários livros para que eu pudesse melhor aproveitar o curso de história.

A Liliane, minha tia, pelos conselhos e por todo suporte que me deu desde que eu nasci.

Ao tio Enrique, pelos diálogos, pelo suporte, por sempre acreditar em mim enquanto professor de história.

À tia Fátima, pelo carinho, por torcer sempre por mim.

Aos meus primos Leonardo e Emilly, pela confiança, por sempre acreditarem em mim.

Ao Djalma, meu avô, que gostava de ser lembrado, porém não está mais entre nós, não fisicamente, mas que permanece em minha memória. Saudades...

À vó Celsa, pelo carinho, pelos incentivos, por ajudar a cuidar de mim.

Ao Ivair, meu pai, pelo amor, pelo carinho, por cantar e tocar violão comigo.

A Sandra, minha mãe, devo-lhe eterna gratidão, por tudo que sempre fez por mim, pelo carinho, pelo amor, pelo apoio de sempre, por me incentivar a ser professor de história.

À minha amável e amada companheira, Letícia Oestreich, pelo carinho, pelo olhar cuidadoso e atencioso, pelos conselhos, pelo conforto em todos os momentos, por tudo que faz por mim. Agradeço por você ser a melhor companhia que eu poderia ter, mas agradeço, sobretudo, pelo seu amor.

A humanidade não progride lentamente, de combate em combate, até uma reciprocidade universal, em que as regras substituíram para sempre a guerra; ela instala cada uma de suas violências em um sistema de regras, e prossegue assim de dominação em dominação (FOUCAULT, 2008, p. 270).

RESUMO

A PERSPECTIVA ONTOLÓGICA DA HISTÓRIA EM REINHART KOSELLECK

AUTOR: VINÍCIUS SALVATORI BARCELOS
ORIENTADOR: DR. CARLOS HENRIQUE ARMANI

Este trabalho está inserido no campo da teoria da história e da história da historiografia, tendo como objetivo de estudo a análise da *perspectiva ontológica da história* em Reinhart Koselleck. Embora Koselleck não tenha feito um trabalho específico e sistemático sobre a *ontologia da história*, pode-se perceber, a partir da análise das suas obras e da revisão bibliográfica, uma profunda reflexão ontológica sobre a história. Definimos a seguinte estrutura argumentativa: procurou-se demonstrar como a crítica de Koselleck sobre as filosofias especulativas da história levou-o a elaborar uma *ontologia da história*, especialmente a partir da sua apropriação crítica da tradição da ontologia hermenêutica. A *ontologia da história* de Koselleck evoca uma série de discussões pertinentes sobre *temporalidade, historicidade, linguagem, realidade histórica, categorias existenciais, condições históricas extralinguísticas*, etc. O material utilizado como base para essa pesquisa são as obras-fontes: *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês* (1999); *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* (2006); *O conceito de história* (2013); *Estratos do tempo: estudos sobre a história* (2014); *História de conceitos* (2020) e *Reinhart Koselleck: uma latente filosofia do tempo* (2021).

Palavras-chave: Teoria da História. História da Historiografia. Reinhart Koselleck. Ontologia da História.

ABSTRACT

THE ONTOLOGICAL PERSPECTIVE OF HISTORY IN REINHART KOSELLECK

AUTHOR: VINÍCIUS SALVATORI BARCELOS
ACADEMIC ADVISOR: DR. CARLOS HENRIQUE ARMANI

This work is inserted in the field of the theory of history and the history of historiography, with the objective of studying the analysis of the *ontological perspective of history* in Reinhart Koselleck. Although, Koselleck has not done a specific and systematic research on the *ontology of history*, one can perceive, from the analysis of his works and the bibliographic review, a deep ontological reflection on history. We define the following argumentative structure: we sought to demonstrate how Koselleck's critique of speculative philosophies of history led him to develop an ontology of history, especially from his critical appropriation of the hermeneutic ontology tradition. Koselleck's *ontology of history* evokes a series of pertinent discussions about *temporality, historicity, language, historical reality, existential categories, extralinguistic historical conditions*, etc. The material to be used as a basis for this research, the source works, are: *Criticism and crisis: a contribution to the pathogenesis of the bourgeois world* (1999); *Future past: contribution to the semantics of historical times* (2006); *The concept of history* (2013); *Strata of Time: Studies on History* (2014); *History of concepts* (2020) and *Reinhart Koselleck: a latent philosophy of time* (2021).

Keywords: Theory of History. History of Historiography. Reinhart Koselleck. Ontology of History.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	UMA BREVE BIOGRAFIA DE REINHART KOSELLECK.....	12
3	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	18
4	A CRÍTICA DE REINHART KOSELLECK ÀS FILOSOFIAS ESPECULATIVAS DA HISTÓRIA.....	24
4.1	APONTAMENTOS INICIAIS ACERCA DAS FILOSOFIAS DA HISTÓRIA	24
4.2	CRÍTICA E CRISE.....	25
4.3	DAS MÚLTIPLAS HISTÓRIAS PARA A “HISTÓRIA EM SI E PARA SI”.	27
4.4	SOBRE O SENTIDO DA HISTÓRIA.....	30
5	A ONTOLOGIA DA HISTÓRIA EM REINHART KOSELLECK	35
5.1	REINHART KOSELLECK E A TRADIÇÃO DA ONTOLOGIA HERMENÊUTICA.....	35
5.2	AS CATEGORIAS EXISTENCIAIS KOSELLECKIANAS.....	41
5.3	AS MÚLTIPLAS CAMADAS DOS TEMPOS HISTÓRICOS.....	49
5.4	REALIDADE HISTÓRICA, LINGUAGEM E CAMADAS PRÉ- LINGUÍSTICAS.....	59
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
	REFERÊNCIAS.....	71

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, intitulado “A perspectiva ontológica da história em Reinhart Koselleck (2022)”, foi desenvolvido em consonância com o grupo de estudos e de pesquisa “História Intelectual, Presença e Sentido” e o grupo de estudos “História das Ideias e dos Conceitos nos Séculos 19 e 20: produção de presença e construção de sentido”, sob a orientação do professor e historiador Doutor Carlos Henrique Armani.

Este trabalho está inserido no campo da teoria da história e da história da historiografia, tendo como objetivo de estudo a análise da *perspectiva ontológica da história* em Reinhart Koselleck. Embora Koselleck não tenha feito um trabalho específico e sistemático sobre a *ontologia da história*, pode-se perceber, a partir da análise de suas obras e da revisão bibliográfica, uma profunda reflexão ontológica sobre a história. Seguimos o seguinte fio argumentativo: procurou-se demonstrar como a crítica de Koselleck sobre as filosofias especulativas da história levou-o a elaborar uma *ontologia da história*, especialmente a partir do seu diálogo com a tradição da ontologia hermenêutica. A *ontologia da história* de Koselleck evoca uma série de discussões pertinentes sobre *temporalidade, historicidade, linguagem, realidade histórica, categorias existenciais, condições históricas extralinguísticas*, etc. O material a ser utilizado como base para esta pesquisa são as obras-fonte: *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês* (1999); *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* (2006); *O conceito de história* (2013); *Estratos do tempo: estudos sobre a história* (2014); *História de conceitos* (2020) e *Reinhart Koselleck: uma latente filosofia do tempo* (2021).

Primeiramente, nesta introdução, far-se-á uma breve explanação do que entendemos por teoria da história¹, dada a polissemia e imprecisão conceitual do que se compreende por teoria da história na historiografia. Não é de hoje que ouvimos professores de história e historiadores insistentemente argumentarem que uma boa pesquisa empírica deve ser amparada por um bom arsenal teórico. Ninguém discorda desse argumento. A teoria, então, é compreendida como um meio para o objetivo empírico, ou seja, parte-se da explicação conceitual para a reconstituição dos acontecimentos. Todavia, como identifica Jörn Rüsen (2001, p. 16), a teoria da história que não se encaixa como um instrumento com fins empíricos encontra certas resistências e dificuldades para se legitimar na historiografia. No entanto, Rüsen entende que é importante a teoria da história ser uma área que produz uma autorreflexão de si mesma, isto é, que esteja em

¹ Nosso objetivo não é o de resolver um problema de delimitação de área, mas sim dar alguns indicativos do que a teoria da história é – e pode vir a ser.

constante debate sobre a produção do conhecimento histórico, bem como de suas tendências e aporias acerca do fazer historiográfico.

Hoje, poder-se-ia dizer, com certa tranquilidade, que a teoria da história é uma área com suas próprias demandas e especificidades na historiografia. Podemos citar alguns autores e autoras que contribuíram, de uma maneira ou outra, para a possibilidade da teoria da história ter o seu próprio espaço de reflexão², a saber: Frank Ankersmit, Hayden White, Reinhart Koselleck, Jörn Rüsen, Keith Jenkins, Michel de Certeau, Ewa Domanska, Hans Ulrich Gumbrecht, David Carr, Dipesh Chakrabarty, Zoltán Boldizsár Simon, Gabrielle Spiegel, Ethan Kleinberg, Valdeci Lopes de Araújo, entre vários outros autores e autoras. Nesse sentido, atualmente, a teoria da história não é uma mera fornecedora de conceitos para as pesquisas empíricas, pelo contrário, ela se constitui como uma área que realiza uma autorreflexão sobre algumas questões importantes para o conhecimento histórico, por exemplo: *memória e trauma, realidade e representação, epistemologia e ética, historicidade e temporalidade*, etc. Ademais, não faltam periódicos e revistas especializadas que realizam a circulação de debates e saberes acerca da teoria da história, para citar apenas algumas: *History and Theory, História da Historiografia e Revista de Teoria da História*.

Zoltán Boldizsár Simon em seu texto: *Os teóricos da História têm uma teoria da história? Reflexões sobre uma não-disciplina* (2019) argumenta que a teoria da história tem uma certa dificuldade de caracterização, tanto do ponto de vista conceitual quanto do ponto de vista institucional. Nesse sentido, o autor tenta dar algumas respostas do que pode vir a ser a teoria da história. Ele divide a teoria da história em dois modos. De um lado, a teoria da história é entendida como uma teoria pontual para um determinado objeto de estudo, aqui ela confunde-se com a metodologia. Por exemplo, a história intelectual de Quentin Skinner, as teorias pós-coloniais, a história global, etc. Esse tipo de teoria da história configura-se como teorias escolhidas por cada historiador para seu respectivo objeto de estudo. Portanto, a escolha de uma dessas teorias não influencia numa meta-história geral, tendo em vista que ela é uma escolha pontual. Por outro lado, a teoria da história é compreendida como uma teoria *sobre* a história, e atinge a historiografia e o processo histórico com um todo. Para Simon (2019) “Esta teoria da história (enquanto historiografia) explica a história em um nível tão generalizante que se torna indiferente à pluralidade metodológica das abordagens históricas” (SIMON, 2019, p. 35). Por

² Foram citados alguns dos vários autores e autoras que têm contribuído para o espaço de reflexão da teoria da história. No entanto, isso não significa que nos séculos passados não houveram historiadores e historiadoras que refletiram sobre a história, ou seja, sobre o fazer historiográfico. Todavia, atualmente, a teoria da história está cada vez mais consolidada como um campo de estudos especializado.

exemplo, a meta-história de Hayden White, os regimes de historicidade de François Hartog, a compreensão da historicidade gerada pela crise do Antropoceno de Dipesh Chakrabarty, etc.

Tendo em vista que o presente objeto de estudo é a análise da *perspectiva ontológica da história* em Reinhart Koselleck, algumas indagações e observações são necessárias: em qual desses modos de teoria da história a ontologia da história de Reinhart Koselleck se situa? Se este trabalho tivesse como objetivo aplicar a história dos conceitos de Koselleck em algum estudo específico, certamente o trabalho mobilizaria uma teoria da história pontual, mas não é o caso. Nesse sentido, como pretende-se analisar a *ontologia da história* em Koselleck, o trabalho configura-se a partir de uma teoria da história como teoria *sobre* a história, pois a *ontologia histórica* do historiador alemão abarca os elementos mais gerais da história enquanto *temporalidade e historicidade*.

Cabe dizer que seguimos a premissa de Valdeci Lopes Araújo, de pensar a história da historiografia como uma analítica da historicidade. Assim sendo, jamais podemos reduzir essa subárea a uma história da ciência histórica. A historicidade não é algo exclusivo da ciência histórica, pelo contrário, se configura no tecido existencial de cada *Ser-no-mundo*. Seguindo essa premissa, os elementos prefigurativos que possibilitam uma escrita da história não são apenas historiográficos, mas também, ontológico-existenciais (ARAÚJO, 2013). Desse modo, ao analisar a *ontologia da história* em Koselleck, o presente trabalho está mobilizando uma *analítica da historicidade*, no sentido de pensar elementos e problemas existenciais para a escrita da história.

De acordo com Carlos Henrique Armani (2016), o problema de pensar uma ontologia da história tem a ver com dois contextos intelectuais, os quais são: a virada linguística, no século XX, que subordinou questões ontológicas à epistemologia. O segundo contexto, para Armani (2016), tem a ver, por assim dizer, com as filosofias especulativas da história – ou progressistas da história –, que predominaram nos séculos XVIII e XIX. As filosofias da história reduziram o ser ao tempo, sobretudo um tempo universal e absoluto que enquadrava as múltiplas temporalidades em um tempo homogêneo, isto é, o tempo do progresso histórico. Nesse sentido, as discussões sobre a *ontologia da história* de Reinhart Koselleck também perpassam, de certa forma, por estes dois contextos, o das filosofias especulativas da história, bem como o da virada linguística. No entanto, a discussão de Koselleck sobre a virada linguística é mais restrita à filosofia hermenêutica.

No geral, os historiadores sentem um certo receio com o emprego da expressão “ontologia”. De acordo com Armani (2020):

Com certa frequência, a expressão “ontologia” aparece como sinônimo de uma essência. Ao falar de uma virada ontológica, não queremos reafirmar um reencontro com determinadas essências intocadas pela temporalidade, pela transformação, pelo devir; ao contrário, trata-se de reconhecer certas propriedades dos existentes que se relacionam como tal por meio das forças de embate que se encontram no mundo e que exercem pressão sobre a linguagem, constituindo-se em condições de historicidade que prefiguram a escrita história (ARMANI, 2020).

Pensar uma ontologia da história, então, não é necessariamente pensar em uma essência histórica. Pelo contrário, uma ontologia da história trata dos problemas mais básicos da relação entre o mundo dos acontecimentos históricos com a esfera da escrita da história, isto é – das problemáticas entre *linguagem, realidade histórica, historicidade e temporalidade*. Qual historiador que não se depara – em seu ofício – com o problema central entre linguagem e mundo? Portanto, não precisamos ter receio da expressão “ontologia”, tendo em vista que ela acompanha o *métier* cotidiano do historiador.

Assim sendo, o nosso trabalho busca analisar como aparece o problema de uma ontologia da história nos escritos de Reinhart Koselleck, ou seja, como o historiador alemão trata das questões mais básicas e estruturantes da relação entre o mundo dos acontecimentos históricos com o âmbito da escrita da história.

A presente monografia foi dividida em quatro seções, além desta introdução. Na primeira seção é apresentada uma breve biografia de Reinhart Koselleck, em que se discute o contexto de reflexão do historiador alemão. Na segunda seção, é feita uma revisão bibliográfica sobre os trabalhos realizados na teoria da história e na história da historiografia sobre Reinhart Koselleck. Portanto, foram selecionados os trabalhos que possuem um potencial maior de diálogo e contribuição com o nosso estudo – a perspectiva ontológica da história em Reinhart Koselleck. Já na terceira seção, é realizada uma análise sobre as críticas sobre as filosofias especulativas da história realizada por Koselleck. Por sua vez, a quarta seção desta monografia procura realizar uma análise mais detida da ontologia da história em Reinhart Koselleck. Por fim, nas considerações finais procuramos realizar um panorama geral, bem como tecer algumas argumentações conclusivas sobre este trabalho, embora não definitivas.

2 UMA BREVE BIOGRAFIA DE REINHART KOSELLECK

Nesta seção, pretendemos desenvolver uma breve biografia³ de Reinhart Koselleck, desde o seu seio familiar a sua participação na Segunda Guerra Mundial, e não menos importante, percorrendo a sua formação intelectual. Veremos no decorrer deste trabalho que a vida do historiador alemão está profundamente entrelaçada com suas reflexões filosóficas, historiográficas e teóricas.

Reinhart Koselleck nasceu na pequena cidade de Görlitz, na Alemanha, em 23 de abril de 1923. Foi um dos três filhos de Arno e Elisabeth Koselleck, ambos de classe média. O meio familiar koselleckiano passa, sem dúvidas, pela educação. A família de Koselleck fazia parte de uma influente parcela da sociedade alemã, o *Bildungsbürgertum* – isto é, um segmento marcado por sua devoção à educação, que emergiu em meados do século XVIII e, sobretudo, se tornou o principal veículo de estudos científicos e humanísticos. A maioria dos antepassados imediatos do historiador alemão eram acadêmicos, em especial professores universitários, médicos e advogados (OLSEN, 2012, p. 10).

O pai de Koselleck era professor e historiador numa escola de formação de professores, por sua vez, a sua mãe tinha estudado francês, história e geografia, e tinha, para além disso, estudado violino. Koselleck, de certa forma, tentou manter algumas das práticas sociais da família, principalmente o contato assíduo com os livros. O historiador alemão também tinha interesse pela arte de desenhar, inclusive era habilidoso na produção de desenhos. Koselleck sempre foi marcado pelo espírito coletivo, ou seja, nunca foi um estudante que realizou uma pesquisa isoladamente de seus demais colegas. Pelo contrário, era um sujeito acadêmico que gostava do entrelaço intelectual e de pôr em prática sua capacidade hermenêutica de ouvir e discutir com seus colegas de forma aberta e atenciosa. Segundo um dos seus colegas, Koselleck era um homem instruído, porém, também tinha suas nuances boêmias, por vezes, adorava uma discussão densa, até uma polêmica, mas claro, sem a intenção de ferir ninguém (OLSEN, 2012, p. 10).

O jovem Koselleck queria seguir a carreira de artista frequentando a academia de artes. Contudo, Arno, seu pai, quisera que ele seguisse outros caminhos, e o incentivara para a carreira científica. O pai de Koselleck foi um sujeito bem ativo no movimento de reformadores educacionais de década de 1920. Começou como professor de história, em 1928 tornou-se diretor do Heilig-Geist-Gymnasium zu Breslau, e dois anos depois, em 1930, ele fundou a

³ As informações biográficas de Reinhart Koselleck foram extraídas especialmente da Obra de Niklas Olsen (2012).

Pädagogische Akademie em Kassel. Todavia, com o Nazismo chegando ao poder, a academia fora fechada. Desse modo, Arno Koselleck foi demitido devido aos seus posicionamentos dissonantes do partido Nazista. O pai do historiador alemão permaneceu desempregado por três anos, antes de encontrar um trabalho provisório de didática histórica em Saarbrücken (OLSEN, 2012, p. 11).

Sem dúvidas, a demissão de Arno foi um dos muitos efeitos que a ascensão do Nazismo teve sobre a família de Reinhart Koselleck – e para a camada burguesa da sociedade alemã de forma mais geral. Diante da instabilidade política e da crise cultural, muitos integrantes da burguesia reagiram a esse fenômeno aderindo ao nacional-socialismo como solução política imediata. Por mais que o desemprego do pai de Koselleck tenha levado a sua família a um padrão mais baixo de vida, ele não estava entre aqueles que foram seduzidos pelo Nazismo.

Segundo Olsen (2012, p. 11), Arno Koselleck, no entanto, simpatizava com o “Pan-germânico-nacional e anti-semita” e durante o final da década de 1930 ele se adaptou ao regime. Todavia, da família Koselleck, o irmão mais velho do historiador alemão era o mais entusiasta do Nazismo. Devido às mudanças geográficas exigidas pela carreira de seu pai e a instável situação política e social na Alemanha, Koselleck viveu em diversas cidades. Nesse sentido, frequentou oito escolas diferentes. A última escola foi o Ludwigsgymnasium em Saarbrücken. Aos dezenove anos de idade, Koselleck voluntariou-se junto com toda a sua classe para o serviço militar no exército alemão, e logo depois – em maio de 1941 – ele fora convocado.

Não há dúvidas que tal cenário apresentado é complexo, portanto, é difícil oferecer uma descrição mais detalhada e minuciosa das razões que levaram Koselleck a optar por ir para a guerra e, sobretudo, as suas concepções mais interligadas ao seu foro íntimo ao crescer durante o regime Nazista. Não é possível definir com precisão suas ideologias políticas, suas convicções, o impacto direto da sua família sobre suas decisões, tendo em vista que Koselleck nunca comentou tais assuntos publicamente, nem mesmo em livros, entrevistas, ensaios, ou peças de memória. No entanto, por outro lado, Koselleck descreveu a desintegração social, o conflito e a incerteza como elementos constitutivos de sua experiência na infância (OLSEN, 2012, p. 12).

Desse modo, Koselleck viu o colapso da República de Weimar, testemunhou a ascensão do movimento nacional-socialista, experimentou o horror da guerra, viu corpos dilacerados e bombardeios constantes. Todavia, como questiona Niklas Olsen (2012, p. 12) “Mas o que mais, exatamente, Koselleck experimentou na guerra – e como relacionou essas experiências à sua escrita da história?” E aqui acrescentamos, qual o impacto da experiência vivida de Koselleck

para a elaboração de uma *ontologia da história*? Talvez não daremos uma resposta precisa, no entanto, tentaremos fazer essa indagação reflexiva ao longo do trabalho.

Koselleck serviu pela primeira vez na artilharia alemã da União Soviética entre 1941 e 1942. Depois de um acidente em que machucou o pé enquanto o exército avançava em direção a Stalingrado, foi transferido para servir na Alemanha e na França. Koselleck tinha um certo afinco com a área da eletrônica, assim, como parte de uma empresa de radares, tornou-se responsável pela eletrônica dos instrumentos que abasteciam as aeronaves antiaéreas, bem como aeronaves alemãs com informações. A participação de Koselleck na Segunda Guerra Mundial acabou em maio de 1945, em Oderberg, onde foi capturado pelo exército soviético.

Em 8 de maio, sob comando soviético, Koselleck e seus colegas militares iniciaram uma longa marcha que terminou em Auschwitz, onde ao longo de algumas semanas cumpriram ordens de trabalho, antes de serem transportados para um campo de prisioneiros em Karaganda, no Cazaquistão. Koselleck passou longos quinze meses lá. Depois, ele foi liberado com a ajuda de um amigo de sua família, um médico alemão, que mencionou a lesão no pé de Koselleck para diagnosticá-lo como incapaz de fazer mais trabalhos, mas capaz de sobreviver às quatro semanas de transporte via trem para a Alemanha. Assim sendo, no final de 1946, Koselleck chegou na Alemanha e retornou para o apartamento da família – em Saarbrücken –, onde sua mãe morava (OLSEN, 2012, p. 13).

O historiador alemão, na maioria das vezes, sublinhou como fundamental a sua decisão de adentrar aos estudos históricos, bem como seus interesses na ciência, pela influência de sua experiência na Segunda Guerra Mundial – e no cativeiro russo entre 1941 e 1946. Tendo em vista a experiência no front, Koselleck também explicou seu grande interesse em temas como *crise conflito e morte*, bem como sua total aversão a noções dominadas pelo *pathos*, isto é – conceitos como *nação, pátria e heroísmo*, além do seu ceticismo em relação às filosofias especulativas da história que, por assim dizer, carregam em seu cerne a noção de “progresso”. Portanto, Koselleck pertence, de modo mais geral, a uma geração cética, motivada pelo seu enfrentamento com a realidade catastrófica da segunda metade do século XX (OLSEN, 2012, p. 13).

De acordo com o historiador das ideias Franklin Baumer (1990, p. 170), a Grande Guerra fez tremer os alicerces da vida e do pensamento europeu – e, nesse sentido, ainda está para ser realizada a história do impacto da Primeira Guerra⁴ nos intelectuais europeus que a

⁴ Embora Baumer esteja falando do impacto da Primeira Guerra Mundial sobre o pensamento europeu, a Segunda Guerra Mundial fomentou ainda mais o questionamento dos sujeitos europeus acerca de sua historicidade. Nesse sentido, portanto, Koselleck viveu uma época tomada pela incerteza das bases mais sólidas da vida e do

experenciaram. No século XIX, o *ser* ainda era bastante presente na sociedade europeia, todavia, no século XX, o *devenir* tomou força, empurrando os seres humanos a questionarem os conceitos, ideias e práticas dos séculos passados – isto é, a passagem da fixidez e da segurança absoluta para a experiência radical da temporalidade. Podemos dizer, então, que Reinhart Koselleck viveu o ápice do *devenir*. Não é sem significado, pois, que as reflexões do historiador alemão perpassam pela questão da temporalidade, bem como das condições de possibilidade da história.

Quando Koselleck retornou à Alemanha no outono de 1946 presenciou um país que tinha sido drasticamente destruído pela guerra. A grande maioria dos alemães foram profundamente afetados e desorientados pelos fatos do passado recente. Viveram dificuldades materiais, bem como se sentiram confusos e desorientados acerca do que o futuro poderia lhes trazer.

Koselleck entrou para a Universidade de Heidelberg no verão de 1947. Era um período de reconstrução da Alemanha, bem como da vida acadêmica devido aos processos de desnazificação coordenados pelas ocupações americana, soviética, britânica e francesa iniciadas principalmente depois da rendição alemã em 1945, onde buscaram banir das universidades quaisquer apoiadores do nacional-socialismo. Na universidade de Heidelberg, Koselleck tomou como referencial alguns nomes importantes, a saber: o historiador Johannes Kühn, o jurista Carl Schmitt, e os filósofos Karl Löwith, Hans-Georg Gadamer e Martin Heidegger (OLSEN, 2012, p. 19). Koselleck, então, desde sua juventude, não perdeu o caráter coletivo de suas reflexões, foi influenciado por diversos pensadores, levantou questões sobre a existência, sobre a ciência histórica e apontou alguns perigos do mundo moderno.

Koselleck estudou a ascensão do mundo moderno e sua relação com o surgimento da filosofia da história especulativa moderna, que ele denominou como escatologia secularizada. O historiador alemão desenvolveu os estudos sobre as filosofias especulativas com Karl Löwith (1897-1973), em Heidelberg. Löwith foi voluntário na Primeira Guerra Mundial, onde foi gravemente ferido e passou um bom tempo em um cativeiro italiano, antes de retornar em 1917 a Munique, período no qual iniciou seus estudos universitários em filosofia e biologia. Posteriormente, foi orientado por Martin Heidegger. Quando Löwith estava prestes a engrenar sua carreira acadêmica na Alemanha, foi forçado a abandonar o país em razão das políticas antissemitas dessa época. Todavia, algum tempo depois, em 1962, com a ajuda do filósofo Hans-Georg Gadamer, ele retornou à Alemanha para assumir uma cadeira de filosofia na

pensamento que, certamente, influenciou a sua escrita da história, bem como o seu projeto de uma ontologia da história.

universidade de Heidelberg. Löwith, então, já estabelecido em Heidelberg, foi o segundo avaliador da tese de doutorado de Koselleck “*Kritik und Krise*”. Löwith era um estudioso que procurava conhecer o surgimento das filosofias especulativas da história, ele argumentou que essas filosofias da história poderiam ser entendidas como a interpretação sistemática da história como um fenômeno universal e absoluto. Portanto, de acordo com Löwith, a filosofia da história moderna foi criada com base na escatologia secularizada— isto é, o homem como sujeito racional colocou-se na posição de Deus e passou a acreditar que era capaz de criar e dirigir a história para um futuro dado *a priori*, concluindo-se em uma síntese que já teria sentido em si mesma.

Segundo Niklas Olsen (2012, p. 22), nesse processo, portanto, as pessoas modernas tentavam se abster de todas as restrições ontológicas possíveis, incluindo a finitude da existência temporal humana, assim, projetaram suas demandas por significados para a história – e conceberam todas as suas próprias ações como meros pretextos para o grande objetivo final histórico: um mundo novo e melhor. Desse modo, fica evidente a influência de Löwith sobre Koselleck, a crítica às filosofias necessitaristas da história, ou seja, a ideia de que a história pode ser programada em prol de um objetivo final. Koselleck entendia as filosofias da história como algo danoso para o planejamento político-social. Todavia, ao contrário de Löwith, Koselleck, buscou desenvolver uma alternativa para as filosofias da história – uma alternativa que procurava uma visão mais realista e responsável da compreensão e conceituação da história.

Outro importante autor, que influenciou o historiador alemão, foi Carl Schmitt (1888-1985), que foi educado como jurista e lecionou em várias universidades. Schmitt, em sua obra mais conhecida *Der Begriff des Politischen*, com o conceito de “o político”, introduziu um critério para tomar decisões, reduzindo todas as ações e motivos políticos a uma distinção entre *amigo e inimigo*. Koselleck encontrou Schmitt em Heidelberg, assim, não demorou muito para o historiador alemão admirá-lo intelectualmente (OLSEN, 2012, p. 25).

Nas linhas que se seguem falaremos brevemente ⁵ sobre a influência de Gadamer e Heidegger no pensamento de Reinhart Koselleck. O filósofo Hans- Georg Gadamer (1900-2002) cresceu e estudou em Breslau, sob a orientação de Richard Höningwald, mas logo se mudou para Marburg, com o intuito de estudar com Paul Natorp e Nicolai Hartmann. Depois de defender sua dissertação em 1922, ele foi para Freiburg para estudar com o filósofo Martin

⁵ Deixaremos para aprofundar a importância das reflexões de Gadamer e Heidegger sobre Reinhart Koselleck no seguinte capítulo: Koselleck e a tradição da ontologia hermenêutica. Reservamos um capítulo especial para falar desse assunto, tendo em vista a grande importância para o nosso presente objeto de estudos – a perspectiva ontológica da história em Reinhart Koselleck.

Heidegger (1889-1976), de quem ganhou sua habilitação em 1929. Já em 1945 tornou-se reitor na universidade de Leipzig. Após essa etapa, em 1948, Gadamer foi para Universidade de Frankfurt, e em 1949 chegou à Universidade de Heidelberg, onde assumiu a cadeira de Karl Jaspers. Segundo Nicklas Olsen (2012, p. 26-27), Koselleck explicou que quando Gadamer chegou a Heidelberg, ele era bem desconhecido por partes dos alunos, sobretudo pelo fato de ele ter publicado muito pouco. Todavia, Gadamer apresentava suas aulas e seus seminários de forma brilhante, nesse sentido, ele era muito respeitado e apreciado pelos acadêmicos, incluindo, é claro, Koselleck. Foi em parte em função desses seminários que Gadamer terminou sua famosa obra: *Wahrheit und Methode* (1960). Nesta obra, portanto, com influências de Heidegger, Gadamer demonstrou a natureza da compreensão humana como uma forma de ser e estar no mundo, isto é – a hermenêutica como uma forma constitutiva do ser humano que, por sua vez, não depende exclusivamente de um método para ser realizada, pelo contrário, o *ser- aí* está em constante compreensão com o mundo em que habita. Gadamer afirmou que todo entendimento humano, bem como a interpretação, se dá por meio da *linguagem*. Desse modo, Koselleck teve influência de Gadamer para elaborar a sua história dos conceitos, assim como, a sua reflexão teórica. A obra de Heidegger *Sein und Zeit* (1927) causou perplexidade no historiador alemão que, de modo original, incorporou criticamente elementos da obra heideggeriana para construir a sua *ontologia da história*.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nesta seção, pretendemos realizar uma revisão bibliográfica acerca das pesquisas na área de teoria da história e história da historiografia sobre a obra de Reinhart Koselleck. Cabe dizer, inicialmente, que não analisaremos todos os artigos e trabalhos realizados sobre o historiador alemão. Portanto, optamos por selecionar artigos, livros e demais trabalhos que possuem um potencial de interlocução maior com o nosso objeto de estudo – a *ontologia da história* em Reinhart Koselleck.

A historiadora Luísa Rauter Pereira dedicou exclusivamente sua dissertação de mestrado para o debate travado entre Koselleck e Gadamer em *A história e “o diálogo que somos”*: *A Historiografia de Reinhart Koselleck e a Hermenêutica de Hans-Georg Gadamer* (2004). Ademais, como resultado de sua dissertação, Pereira publicou um artigo que sintetiza sua reflexão, a saber: *O debate entre Hans-Georg Gadamer e Reinhart Koselleck a respeito do conhecimento histórico: entre tradição e objetividade* (2011). Assim, na dissertação, bem como no artigo, a historiadora demonstrou como Reinhart Koselleck e Gadamer partiram da filosofia heideggeriana e chegaram a proposições divergentes – em sua maioria –, mas também convergentes acerca da natureza do conhecimento histórico.

De acordo com Pereira (2011), o historiador alemão, a partir da analítica do *Dasein*, desenvolveu categorias formais da experiência histórica que constituem “a finitude do *ser-aí*”, isto é – condições de historicidade que, ao provocarem a ação humana, tornam as histórias possíveis, tanto como narração, como conhecimento e quanto por experiência histórica. No entanto, Gadamer, por sua vez, também a partir da analítica do *Dasein*, pensa a relação do diálogo do “*ser- aí*” com suas tradições mundanas. Para Gadamer, a historiografia é mais uma possibilidade do contato com a tradição e, sobretudo, com a compreensão humana acerca de sua historicidade (PEREIRA, 2011).

Orientando de Luísa Rauter Pereira, Gustavo Castanheira Borges de Oliveira desenvolveu uma dissertação de mestrado intitulada *Pluralidade e Universalidade: estudo sobre as concepções de tempo e história em Reinhart Koselleck e Jörn Rüsen* (2018). Posteriormente, a dissertação do autor também se tornou um artigo: “*Conflito e “humanidade”*: *as antropologias históricas de Reinhart Koselleck e Jörn Rüsen* (2018). Nesse artigo, Gustavo Castanheira Borges tenta identificar as semelhanças e as diferenças das antropologias históricas entre Reinhart Koselleck e Jörn Rüsen. Koselleck, em alguns de seus escritos, destilou várias categorias existenciais universais, por exemplo, *morrer/poder matar e interno/externo*. Rüsen também realizou análises a partir de antropologias históricas. O autor concluiu que Koselleck

construiu uma antropologia histórica calcada na ideia de *conflito*, por sua vez, Rüsen constituiu sua teoria em torno da noção de *humanidade* (OLIVEIRA, 2018).

Também interessado no memorável debate entre Koselleck e Gadamer, Francisco Gouvea de Sousa, em seu texto *Por que não sou sábio? Um comentário sobre a resposta de Hans-Georg Gadamer ao elogio de Reinhart Koselleck* (2017), tenta refletir como o diálogo entre esses dois pensadores pode abrir um conjunto de problemáticas para a Teoria da História. Primeiramente, o autor demonstra as similaridades e diferenças entre Koselleck e Gadamer. Tanto o primeiro quanto o segundo reconhecem que *linguagem, historicidade* e história se imbricam, todavia, a posição de cada um varia acerca dessas proposições. Enquanto para Gadamer conhecer se configura como uma disposição em deixar as coisas abertas e incertas, para Koselleck, o conhecimento, em sua maior parte, não comporta compreensão. Desse modo, para o historiador alemão, não existe uma necessidade maior de deixar o conhecimento aberto, pois o conhecimento sobre o passado não se confunde com a compreensão, isto é – não necessariamente comporta um sentido enquanto tal, pelo contrário, às vezes, constrange e anula a compreensão (DE SOUSA, 2017).

Ainda na esteira dos debates travados entre Koselleck e Gadamer, Froilan Ramos Rodríguez (2018), em seu artigo: *Huella de Hans-Georg Gadamer em Reinhart Koselleck: Aportes a la historia conceptual* (2018), baseia-se na revisão crítica das principais obras de ambos os autores, a fim de fornecer outras visões e interpretações de suas ideias e conceitos centrais. O autor trabalha a relação entre temporalidade, linguagem e hermenêutica na concepção dos dois autores, expondo tanto suas semelhanças quanto suas diferenças.

Como resultado de seus estudos para o exame oral *Rigorosum*, que prestou como requisito para obtenção do diploma de doutora na Universidade de Siegen (Alemanha), a historiadora Verena Alberti reuniu seus trabalhos sobre hermenêutica e publicou um artigo sobre *A existência na história: Revelações e riscos da hermenêutica* (1996). Sem dúvidas, para aqueles que desejam compreender melhor o que é hermenêutica, bem como suas múltiplas facetas na área das humanidades, o texto de Alberti é uma referência pois disserta sobre as contribuições e sobre os perigos da hermenêutica para o conhecimento humano. A autora justifica seu texto a partir de três argumentos, quais são: 1) a importância da hermenêutica para as ciências humanas; 2) a dificuldade na compreensão da hermenêutica, portanto, sendo louvável tentar descomplicá-la; 3) por fim, a relação entre hermenêutica e história. Para tratar da relação entre história e hermenêutica, Alberti recorreu à palestra que Reinhart Koselleck proferiu em comemoração ao 85º aniversário de Hans-Georg Gadamer. A autora demonstra como Koselleck rende tributo à hermenêutica, reconhecendo sua relação indissociável com a

história, mas também à fronteira que o historiador alemão demarca entre os dois campos na constituição de uma esfera não-hermenêutica da história, ou seja, um espaço extratextual que prefigura qualquer escrita – ou interpretação – da história (ALBERTI, 1996).

Outro trabalho importante acerca da obra de Koselleck é a reflexão realizada por Júlio Benvoglio sobre *A história conceitual de Reinhart Koselleck* (2010). O autor tenta demonstrar como a história dos conceitos remete a uma importante teoria da história baseada no recurso à hermenêutica, na problematização da historicidade e na reflexão sobre a experiência humana (BENTIVOGLIO, 2010).

Jörn Rüsen escreveu um artigo intitulado *The horizon of History moved by modernity: after and beyond Koselleck* (2021). Rüsen, nesse artigo, faz alguns questionamentos sobre a teoria da modernidade em Koselleck, discutindo se a modernidade é apenas uma época da história ocidental ou se ela abarca a história geral e universal. Assim sendo, o autor questiona se existe uma alternativa ao modelo de Koselleck, bem como se esse modelo koselleckiano da modernidade se aplica apenas ao modelo do pensamento histórico-ocidental. Depois, o autor oferece algumas sugestões de como a lista de “contraconceitos” de Koselleck pode ser expandida incluindo outras categorias. Por fim, ele discute alguns critérios acerca do sentido histórico os quais julga importantes para a concepção ampliada de conceitos histórico-antropológicos fundamentais (RÜSEN, 2021).

O filósofo Christophe Bouton, em seu artigo *The critical Theory of History: rethinking the Philosophy of History in the light of koselleck's work* (2016), tenta repensar as filosofias da história a partir da teoria crítica da história, inspirada em Koselleck. Para Bouton, a teoria crítica é, por assim dizer, uma reflexão sobre as categorias empregadas para pensar a experiência histórica em seus diferentes níveis, não apenas como narrativa, mas também como uma série de eventos, isto é – suas origens, contextos, terminologia, funções (teórica ou prática) e, por fim, eventual relevância. O autor mostra como Koselleck não está preocupado com uma grande narrativa do sentido da história e, tampouco, com uma teleologia histórica, pelo contrário, preocupa-se, sobretudo, com o estudo das condições das histórias possíveis. Nesse sentido, Bouton oferece uma nova possibilidade de repensar a filosofia da história à luz do trabalho de Reinhart Koselleck (BOUTON, 2016).

Os leitores brasileiros, principalmente os interessados na área de teoria e filosofia da história, foram presenteados com uma coletânea inédita de textos escritos por Koselleck, traduzidos do alemão para o português de modo impecável por Luiz Costa Lima. Esses textos foram organizados por Hans Ulrich Gumbrecht e Thamara de Oliveira Rodrigues, cujo título da coletânea é: *Uma latente filosofia do tempo* (2021). Chamamos a atenção para a apresentação

do livro realizada por Thamara de Oliveira Rodrigues, onde a autora realiza uma série de reflexões acerca da obra de Reinhart Koselleck. O argumento central consiste em demonstrar que a reflexão filosófica de Koselleck sobre a temporalidade é, por vezes, negligenciada quando se comparada à ênfase dada à recepção do autor em sua relação com a história dos conceitos, com a história do iluminismo e com a defesa de elementos e protocolos cientificamente conduzidos para a historiografia. Nesse sentido, Thamara Rodrigues realça a importância da filosofia do tempo na obra de Koselleck para os desafios enfrentados pela humanidade no século XXI (RODRIGUES, 2021).

A partir dos novos rumos da teoria da história, Wagner Augusto Hundertmarck Pompéo faz uma reflexão interessante sobre o tema da (des)continuidade entre narrativa e realidade histórica no artigo: *Os novos rumos da teoria da história: como os pares antitéticos assimétricos propostos por Koselleck podem ajudar a melhor compreender a crítica do descontinuísmo de David Carr?* (2017). Nesse texto, o autor demonstra que os pares antitéticos assimétricos de Koselleck podem ajudar na identificação daquilo que Carr chamou de outros aspectos fundamentais, de fechamento e estrutura a serem descobertos além do mero esquecimento da morte ou do nascimento, estes pensados por Martin Heidegger. Assim sendo, as estruturas de finitude koselleckianas, por exemplo, amigo/inimigo e interior/exterior, podem complementar a crítica feita por Carr em relação à suposta descontinuidade entre narrativa e realidade histórica, no sentido de demonstrar que qualquer coisa que seja a vida, dificilmente é uma sequência sem estrutura de eventos. Portanto, as estruturas de finitude ajudam a compor a realidade histórica (POMPÉO, 2017).

Juan Sanchez Mandingorra, em seu artigo: *Los problemas de una ciencia de la historia en Reinhart Koselleck* (2020), discorre sobre a problemática de uma ciência da história no pensamento de Koselleck. O artigo enfoca os problemas que surgem ao se assumir acriticamente os pressupostos que fundamentam essa ideia, mostrando, portanto, que Koselleck oferece uma elaboração teórica para garantir a necessária comunicação diacronica entre contextos. Desse modo, restabelecendo a unidade da história com um fundamento transcendental que exige a adoção de categorias *a priori*. Mandingorra (2020) conclui que a interrogação crítica da abordagem koselleckiana esclarece seu portentoso e coerente esforço teórico-metodológico, que fundamenta que uma ciência histórica pode se libertar das acusações de um mero weberianismo, pois Koselleck temporaliza e historiciza os conceitos e, conseqüentemente, rejeita a abstração.

As reflexões historiográficas e teóricas realizadas por Reinhart Koselleck são inseparáveis de sua experiência vivida. É nesse sentido, portanto, que Niklas Olsen escreveu o

livro: *History in the Plural: an introduction to the Work of Reinhart Koselleck* (2012). Olsen realiza a primeira biografia de Reinhart Koselleck, todavia, mais do que uma biografia em si, o livro mostra como a vida do historiador alemão é indissociável de suas reflexões teóricas. Olsen mostra os aspectos sociais da família de Koselleck, a inserção acadêmica do autor e, sobretudo, o impacto da Segunda Guerra Mundial em sua elaboração teórica. Ademais, o livro traz as interlocuções de Koselleck com a ontologia hermenêutica. Desse modo, o livro de Olsen também é fundamental para a presente pesquisa (OLSEN, 2012).

Carsten Dutt (2015), importante estudioso literário e filósofo alemão, presidente da *Hans-Georg-Gadamer-Society for Hermeneutic Philosophy*, realizou uma interessante entrevista com Reinhart Koselleck; a mesma foi publicada com o seguinte título: *History(ies) and Theory of history: Interview With Reinhart Koselleck* (2015). Nessa entrevista, Carsten Dutt com excelentes perguntas “interrogou” o historiador alemão sobre sua teoria da história, sobre a sua crítica às filosofias especulativas da história, sobre as categorias transcendentais desenvolvidas ao longo de sua obra, além de outros elementos teóricos importantes tematizados por Koselleck.

Helge Jordheim, em seu artigo intitulado *Against Periodization: Koselleck's Theory of Multiple Temporalities* (2012), mostra que a teoria dos tempos históricos de Koselleck desafia a periodização e, portanto, em certa medida, destrói a cronologia do tempo natural. Assim, de acordo com Jordheim (2012), Koselleck pensa as múltiplas temporalidades da história, as discontinuidades, as distintas origens, as estruturas de repetição, as mudanças lentas e de longo prazo (JORDHEIM, 2012).

John H. Zammito, em seu texto *Koselleck's Times* (2021), enfatiza a importância da teoria da história de Koselleck para a prática empírica da pesquisa histórica. De acordo com Zammito, a teoria dos tempos históricos de Koselleck é importante para a pesquisa concreta. Ademais, o autor reforçou que Koselleck não pretendia elaborar receitas teóricas pelas quais as histórias deveriam ser construídas ou julgadas (ZAMMITO, 2021).

Frank R. Ankersmit, um dos mais sofisticados teóricos da história, publicou um denso artigo sobre a questão da epistemologia e da ontologia da história em Reinhart Koselleck, a saber: *Koselleck on “Histories” versus “History” or, Historical Ontology versus Historical Epistemology* (2021). O autor, portanto, pensa como a epistemologia de Koselleck, dada a sua complexidade, é difícil de ser conciliada com sua filosofia do tempo histórico e, desse modo, tenta desenredar os fios ontológicos dos epistemológicos no pensamento do historiador alemão. Segundo Ankersmit, a epistemologia da história de Koselleck possui um caráter eurocêntrico, por sua vez, a ontologia da história, embora compartilhe a mesma genealogia, está livre do

eurocentrismo. A teoria das camadas do tempo é o elemento central da ontologia de Koselleck, pois ela carrega a função de dar acesso ao que nos é, de certa forma, estranho e alheio, isto é: “o outro”. Nesse sentido, a ontologia koselleckiana possibilita pensar a simultaneidade do não simultâneo, ou seja, como existem diversas camadas temporais sobrepostas convivendo entre si. Sem dúvidas, como realça Ankersmit, no pensamento de Koselleck, não há espaço para que “a camada do tempo” (no singular) ocupe enquanto tal “as camadas do tempo” (no plural) (ANKERSMIT, 2021).

A partir do levantamento historiográfico, tanto brasileiro quanto internacional, que realizamos, podemos perceber que existem alguns trabalhos no âmbito da teoria da história e da história da historiografia sobre Reinhart Koselleck. A maioria deles preocupam-se com o debate realizado entre Koselleck e Gadamer. Outros trabalhos se ocupam com a história dos conceitos de Koselleck. Demais trabalhos focam na discussão do tempo realizada por Koselleck. O trabalho mais próximo das pretensões de nossa pesquisa é o artigo do Ankersmit (2021) sobre a diferença entre epistemologia e ontologia no pensamento de Koselleck. No entanto, o trabalho de Ankersmit não pretende fazer uma discussão aprofundada e sistemática sobre a *ontologia da história* em Koselleck, tal qual o nosso trabalho visa fazer.

Ademais, a partir da bibliografia apresentada, ao logo desta monografia iremos mobilizar e dialogar com alguns dos autores supracitados, com o intuito de contribuir e fundamentar historiograficamente o nosso trabalho.

4 A CRÍTICA DE REINHART KOSELLECK ÀS FILOSOFIAS ESPECULATIVAS DA HISTÓRIA

4.1 APONTAMENTOS INICIAIS ACERCA DAS FILOSOFIAS DA HISTÓRIA

Inicialmente, cabe dizer que as filosofias da história não são homogêneas. Podemos dividi-las em vários ramos: 1) filosofia continental da história, onde se encontram as filosofias especulativas da história (Hegel, Marx e Kant); 2) filosofia hermenêutica da história (Dilthey, Heidegger, Gadamer e Ricoeur); 3) filosofia anglo-saxônica da história, ramificada em filosofia analítica da história (Danto e Gardiner e White); 4) epistemologia do conhecimento histórico (Mink e Ankersmit); 5) ontologia histórica (Hacking); e 6) história global (wong) (BOUTON, 2016).

Allan Megill (2016) prefere fazer uma separação – ainda que não total – entre filosofia da história e Historiologia. Para o autor, a expressão filosofia da história é reservada para as tentativas de compreensão da forma geral da história em si. Por outro lado, a Historiologia é um discurso meta-histórico preocupado com o trabalho feito pelos historiadores. Segundo o autor, no final do século XX, surgiu uma próspera tradição de Historiologia, abarcando quatro correntes: analítica, hermenêutica, idealista e linguístico-narrativa.

Todavia, segundo Allain Megill, deve-se ficar claro que Historiologia não é apenas uma reflexão metodológica sobre a historiografia. Pelo contrário, a Historiologia também trata da realidade histórica, dos elementos ontológicos, ainda que essa reflexão ontológica também esteja relacionada com a problemática da escrita da história e do seu aparato teórico-metodológico.

Não temos a intenção de adentrar nessa gama enorme de Historiologias. Nesta seção, focaremos as críticas realizadas sobre as filosofias especulativas da história, – principalmente a crítica de Koselleck sobre elas. Nietzsche, talvez, fora o primeiro filósofo a tecer críticas contra as filosofias especulativas da história, ainda no século XIX. Hans-Georg Gadamer, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Karl Löwith, Hanna Arendt, Karl Popper, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Max Horkheimer e Reinhart Koselleck, no século XX, – em menor ou maior medida influenciados por Nietzsche –, também fizeram críticas sobre as filosofias especulativas da história, cada qual a sua maneira. Esses pensadores foram interpelados pela Grande Guerra, esta que, por sua vez, ajudou a provocar uma crise representacional, bem como a crítica de um tempo histórico universal para a humanidade. A astúcia da Razão Hegeliana, a história universal comandada pelos desígnios da natureza

kantiana e a vitória inexorável do proletariado em Marx, promessas dos grandes sistemas filosóficos de pensamentos do XIX, ruíram no século XX –, o século do *Devir*, para utilizar o termo do historiador das ideias Franklin Baumer (1977). As filosofias especulativas da história, apesar de suas diferenças, têm em comum pensar a totalidade do sentido histórico da humanidade. Além de, é claro, ter uma necessidade histórica a ser realizada no transcurso do processo histórico. No centro dessas características está a ideia de progresso.

Cabe alertar que não iremos discorrer sobre as demais Historiologias tendo em vista que Koselleck apontou apenas críticas sobre as filosofias especulativas da história e pouco dialogou com a filosofia da história analítica, por exemplo. Por outro lado, Koselleck dialogou de maneira intensa com a hermenêutica filosófica – ou ontologia hermenêutica – à qual reservamos uma seção para analisar. No entanto, é importante mencionar a variedade de filosofias da história que circulam atualmente nas ciências humanas.

A crise das filosofias especulativas da história não acabou com a filosofia da história. No decorrer desta monografia veremos que mesmo Koselleck – crítico voraz das filosofias especulativas da história – não abandonou a reflexão filosófica sobre história, pelo contrário, colocou-a em outra perspectiva, isto é – a *ontologia da história*.

4.2. CRÍTICA E CRISE

De acordo com Thamara de Oliveira Rodrigues (2021, p. 14), a tese de doutorado de Reinhart Koselleck – defendida na Universidade de Heidelberg – tinha como primeiro objetivo analisar a origem da utopia moderna através das críticas de Kant. Todavia, o projeto de sua tese expandiu-se para uma investigação mais abrangente acerca do nascimento do pensamento ilustrado. O historiador alemão pretendia, de certa maneira, pensar quais foram as pré-condições fundamentais para o surgimento do nacional-socialismo alemão e do totalitarismo moderno.

Nesse sentido, com pretensões mais gerais, Koselleck deu envergadura para sua conhecida tese de doutorado a partir de uma vasta leitura da intelectualidade ilustrada, *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês* (1954). Assim sendo, Koselleck procurou demonstrar – em maior ou menor medida – que os fenômenos históricos autoritários do século XX não foram fundamentados em si mesmos, isto é, tinham forte influência nas searas das filosofias especulativas da história. A ascensão da burguesia calcada nas filosofias da história realizou diversas críticas sobre o absolutismo a partir de uma perspectiva utópica apontada para o futuro, de cariz moralizante, idealista e abstrata. Essa negação do absolutismo

obscureceu ainda mais a crise que a própria crítica iluminista tinha aberto. A tese de Koselleck (1999) defende que:

O processo crítico do Iluminismo conjurou a crise na medida em que o sentido político dessa crise permaneceu encoberto. A crise se agrava na mesma medida em que a filosofia da história a obscurecia. A crise não era concebida politicamente, mas ao contrário, permanecia oculta pelas imagens histórico-filosóficas do futuro, diante das quais os eventos cotidianos esmoreciam. Assim, a crise encaminhou-se, ainda mais desimpedidamente, em direção a decisão inesperada (KOSSELECK, 1999, p. 13).

De acordo com Koselleck (1999), em meados do século XVIII, a burguesia europeia já tinha um planejamento utópico para o futuro, que deveria abarcar a humanidade como um todo e, com esse mesmo pressuposto, atacava a ordem do sistema absolutista: “A filosofia da história forneceu os conceitos que justificaram a ascensão e o papel da burguesia” (KOSSELLECK, 1999, p. 10). Desse modo, a burguesia acreditava ser a inauguradora de um novo mundo, onde toda humanidade deveria ser encadeada em um tempo único e universal, todos os seres humanos – de modo consciente ou não sobre as suas ações – corroboravam para um futuro novo e melhor. Portanto, o campo de experiência do presente foi aos poucos se esvaziando, os sujeitos apenas atuavam em prol da promessa e da salvaguarda histórica do progresso. Koselleck sempre foi muito crítico da pretensão totalizante das filosofias da história, ou seja, da ideia de englobar múltiplas experiências com ritmos de temporalização diferentes em um tempo abstrato e geral. Segundo Luísa Rauter Pereira (2004):

A crítica se dirige à razão iluminista, na qual o mundo da década de 50 deste século ainda está imerso. Ao negar seu fundamento político, o iluminismo desobrigasse da responsabilidade com o presente, o que leva ao agravamento da própria questão política com a Revolução. O homem iluminista cria laços de responsabilidade apenas com a história, cujo rumo já é conhecido, e com o qual ele deve colaborar. A realidade presente passa a ser apenas um erro a ser alterado pelo curso histórico, que progride em direção na criação da razão (PEREIRA, 2004, p. 87).

De acordo com Koselleck (1999, p. 14), no século XVIII, os iluministas transformaram a história em processo – sem terem consciência desta transformação. Portanto, a história transformou-se em uma totalidade em movimento direcionada a si mesma, ou seja, a história enquanto filosofia da história. Todavia, o processo histórico tinha em seu seio uma necessidade histórica a ser realizada no transcurso do tempo em nome do progresso. Com clara influência de Karl Löwith, Koselleck entendia a filosofia da história como uma forma de escatologia cristã secularizada. Para ele,

Um dos principais alvos da crítica, a religião cristã, trouxe em suas múltiplas divisões a herança de uma história sagrada que foi retomada, das mais diversas formas, por uma visão de mundo voltada para o futuro. É conhecido o processo de secularização, no qual a escatologia foi transposta para uma história progressista. Nossa investigação, porém, mostrará que os elementos do juízo divino e do juízo final também passam a ser aplicados, consciente e deliberadamente, à própria história, sobretudo no momento em que a crise se agrava (KOSELLECK, 1999, p. 14).

Assim sendo, a ideia da salvação da cristandade em termos teológicos foi reconfigurada em uma esfera racional para a história. Então, a história, nesse contexto, passa a ser um grande sujeito guiado pela razão, o qual desembocaria no progresso histórico da humanidade, ou seja, em mundo melhor. Assim, para Koselleck: “A aceleração do tempo, antes uma categoria escatológica, torna-se, no século XVIII, uma tarefa do planejamento temporal, antes ainda que a técnica assegurasse à aceleração um campo de experiência que lhe fosse totalmente adequado” (KOSELLECK, 2006, p. 37). Segundo Pereira (2004):

Nessa nova consciência do tempo e do futuro, há a certeza do progresso rumo a um futuro paradisíaco, uma esperança certa de “salvação”. O futuro se aparta da experiência passada, mas também da experiência do presente. O tempo se acelera privando o homem da possibilidade de experimentá-lo: essa experimentação é substituída por uma filosofia do progresso futuro (PEREIRA, 2004, p. 65).

Desse modo, um dos grandes problemas apontados por Koselleck sobre as filosofias especulativas da história é justamente a inibição do ser humano de agir e atuar no tempo presente. Se o mundo melhor já está de antemão garantido, cabe aos seres humanos esperarem e aceitarem a realização da história rumo ao progresso histórico prometido.

A grande questão de Koselleck posta na obra *Crítica e crise* (1999), segundo Thamara de Oliveira da Silva, é a atribuição da patogênese do mundo burguês às utopias modernas, que pretendiam – em nome da razão – conquistar um juízo moral *a posteriori*, que ajudou a germinar os regimes autoritários do século XX (RODRIGUES, 2021, p. 18).

4.3. DAS MÚLTIPLAS HISTÓRIAS PARA A “HISTÓRIA EM SI E PARA SI”

Koselleck historicizou o conceito de história, ou seja, identificou transformações em seu interior. A história – por muito tempo – foi compreendida como as histórias no plural, que podiam se repetir e legar ensinamentos para as pessoas do tempo presente. Como essas múltiplas histórias foram englobadas em um único conceito de história? Essa foi uma das perguntas que o historiador alemão procurou responder ao longo de sua obra. Atualmente, todos nós concordamos que o conceito de história parece decorrer da própria palavra. No entanto, Koselleck demonstra que nem sempre a “História” teve um significado atrelado a todos os

conteúdos históricos. O termo “história” carrega a sua própria historicidade, visto que somente no final do século XVIII ascendeu à condição de conceito mestre, político e social (KOSELLECK, 2013, p. 37).

Por sua vez, a *Historie* como conhecimento – ou narrativa – é um fenômeno antigo na Europa. A narrativa histórica, portanto, é algo constitutivo do ser humano: ele precisa da história para a formação da memória social, bem como para constituir unidades de ação políticas. Por exemplo, a narração de uma viagem, de uma guerra, ou de uma sociabilidade familiar, fazem parte das múltiplas narrativas de diferentes grupos sociais. Todavia, a ideia de história, referindo-se à “própria história” (*Geschichte selber*), é um produto da modernidade, ou seja, constituiu-se e começou a emergir um pouco antes da Revolução Francesa – e consolidou-se com ela (KOSELLECK, 2013, p. 38).

Segundo Reinhart Koselleck, ao longo de 2 mil anos, a história teve a função de mestra da vida, ou seja, podia-se aprender com ela, sobretudo com o objetivo de não recorrer a erros do passado, bem como para aprender com os acertos. Koselleck menciona Cícero, escritor romano que entendia a história como instrutura da vida, pois, podia-se aproveitar o conteúdo das experiências históricas para o aprendizado, tendo em vista que a história carrega inúmeros exemplos da vida que podem ser repetidos (KOSELLECK, 2006, p. 42-43). Nesse sentido, a história detinha um sentido prático, podendo orientar a vida e as ações das pessoas no mundo.

No entanto, Koselleck observou – partir da história dos conceitos – algumas mudanças no pensamento europeu sobre a história, isto é, a transformação da velha história (*Historie*)⁶ para a “história em si” (*die Geschichte selbst*), que começou a abrir uma nova possibilidade de experiência temporal. A nova história (*Geschichte*) foi temporalizada de modo a englobar as múltiplas histórias em uma história que era sujeito e objeto de si mesma, ou seja, uma espécie de sujeito dotado razão. Koselleck, então, passa a observar algumas mudanças na língua alemã, isto é – o abandono processual do conceito “*Historie*” para o conceito *Geschichte*, o qual se consolidou por volta de 1750. Portanto, de acordo com o historiador alemão:

O termo “*Geschichte*” fortaleceu-se, ao passo que “*Historie*” foi excluído do uso geral. Enquanto o sentido do acontecimento [*Ereignis*] e da representação confluíam no termo “*Geschichte*”, preparava-se, no âmbito linguístico, a revolução

⁶ Arthur Alfaix Assis e Sérgio da Mata (2013, p. 13) lembram que Hegel, em 1820, já argumentava sobre a contemporânea transição da “história refletida” para a “história universal filosófica”. Ainda assim, os dois autores sublinham a originalidade da interpretação de Koselleck sobre a historicização do conceito moderno de história, pois na obra do historiador alemão verifica-se o entrecruzamento entre diversos contextos intelectuais, políticos e sociais e, sobretudo, o emprego inovador de dicionários e enciclopédias que, por vezes, foram ignorados na história das ideias.

transcendental, que conduziu à filosofia da história própria do Idealismo. A compreensão da "*Geschichte*" como um conjunto de ações coincidentes remete a essa revolução (KOSELLECK, 2006, p. 48).

Desse modo, a verdadeira mestra é a história em si, pois ela comporta um único significado possível, agora não se apreende com as histórias, mas sim com a história enquanto tal, pois ela é dotada de um sentido que lhe é intrínseco. Nesse sentido, a história é concebida enquanto processo inexorável. Assim, após a Revolução Francesa, a história se consolidou como um sujeito dotado de razão. O grande exemplo dessa "história em si para si" é a ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita, de Kant. Para o filósofo alemão, a história deveria revelar os desígnios secretos da natureza, garantido, por assim dizer, o progresso histórico da humanidade – que caminha inexoravelmente para o melhor. Portanto, segundo Patrick Gardiner (1964, p. 27), o ensaio de Kant "é um produto característico do seu tempo ao corporizar uma crença no progresso humano e ao assentar numa concepção bem definida da natureza humana e de seu lugar no esquema geral das coisas". As filosofias especulativas da história foram majoritárias no século XIX, ou seja, foi predominante – no cenário Europeu – o projeto de construção de sistemas filosóficos que pretendiam decifrar as leis gerais que abarcassem a história como uma unidade geral dotada de sentido próprio.

Não é sem significado, segundo Koselleck, que no mesmo período em que a história singular-coletivo tornou-se hegemônica, emergiu-se também o conceito de filosofia da história. Assim, o conceito de história se imbricou com a filosofia da história, o qual traz consigo a ideia de progresso, ou seja, a agregação das múltiplas histórias em uma totalidade única que é responsável, por assim dizer, pelo destino da história e dos seres humanos. Desse modo, o historiador não encara a história como instância pedagógica, mas sim como o tribunal da razão. Nas palavras de Koselleck: "não se pode mais esperar conselhos a partir do passado, mas sim apenas de um futuro que está por se constituir" (KOSELLECK, 2006, p. 58).

Ainda de acordo com o historiador alemão, uma das principais características desse conceito moderno de história é, sobretudo, sua redução a um conceito único de história à contemporaneidade de coisas não contemporâneas –aproximando-as ao progresso histórico (KOSELLECK, 2013, p. 39). Koselleck é bastante crítico desse conceito moderno de história, que ele mesmo historiciza, pois os múltiplos acontecimentos do passado, que congregam ritmos temporais diversos, acabam sendo uniformizados e subsumidos numa perspectiva temporal totalizante. Portanto, as diferenças temporais acabam por serem eliminadas. Nas palavras de Koselleck:

Muito além disso, a realidade da História moderna se compõe de uma multiplicidade de transcursores que, pelo calendário, são contemporâneos, mas que pela origem, pelo objetivo e pelas fases de desenvolvimento não são contemporâneos. Disso decorrem tensões, perspectivas de retardamento e de aceleração, distorções e uniformizações, que fazem parte da temática de nossa História mundial (*Weltgeschichte*) (KOSELLECK, 2013, p. 39).

Koselleck tematizou sobre o tempo histórico, ou melhor, sobre os múltiplos tempos históricos sobrepostos uns aos outros, justamente com o intuito de desmistificar a unidade absoluta do tempo histórico. Assim, para o historiador alemão, a *realidade histórica* é composta por uma infinidade de temporalidades que convivem e, sobretudo, tencionam-se no curso da história e na interação dos grupos humanos. Desse modo, a perspectiva temporal – quando universalizada – acaba, por assim dizer, sincronizando de forma autoritária tempos muito distintos.

O encadeamento de todos os acontecimentos humanos num singular-coletivo, que subsumi a diferença em nome de uma razão temporal universal, bem como a dissolução da história como orientação da vida prática, são, sem dúvidas, consequências – diretas ou indiretas – do conceito moderno de História, ou seja, “a história em si e para si”.

4.4. SOBRE O SENTIDO DA HISTÓRIA

Koselleck, em seu texto *Sobre o sentido e o não sentido da investigação histórica* (*Geschichte*) (2021), realiza fortes críticas sobre as pretensões de atribuição de sentidos absolutos a eventos traumáticos, como por exemplo, a sangrenta batalha de Stalingrado.

A partir de um conjunto de cartas dos soldados de Stalingrado que não regressaram, Koselleck tenta investigar os sentidos que foram atribuídos à guerra *a posteriori* por diferentes grupos. Segundo o historiador alemão, “esses quatro ou cinco sacos, que continham milhares de cartas que não chegaram aos seus destinatários, agora alegam um enorme sentido à catástrofe” (KOSELLECK, 2021, p. 80). No entanto, Koselleck afirma que os testemunhos contemporâneos, antes de morrer, tentavam em vão dar um sentido para a guerra, porque a própria realidade da batalha não admitia um sentido sobre ela. Koselleck discorre sobre os sentidos que os russos, bem como os alemães, atribuíram para o evento de Stalingrado. De um lado, os russos estilizaram sua vitória, no sentido de entendê-la como um ponto importante alcançado no programa para a revolução mundial e, de outro, os alemães resgataram a guerra sob uma autocrítica moralista, vinda muito tarde para dar sentido *a posteriori* ao que não se tem sentido em si mesmo. Não obstante, Koselleck chega à conclusão de que os sentidos atribuídos

a ambos os lados levam apenas a uma resposta, isto é, um massacre macabro (KOSELLECK, 2021, p. 88). Portanto, Koselleck critica a tentativa dos alemães e dos russos de tentarem ter a hegemonia absoluta da interpretação de um fenômeno que resultou em milhares de mortos. Para o historiador alemão:

Qualquer instituição posterior de sentido, como a estabelecida pelas instâncias políticas que requerem o monopólio da interpretação, se perde ante a evidência de centenas de milhares de mortos. Assim, se entendemos o sentido na acepção de uma entelégia ou de uma teleologia *ex post* ou como o simples cumprimento de uma *causa finalis*, todas essas instituições de sentido só concedem a todos os participantes terem feito parte do acontecimento. E a crença em tais sentidos leva à relação inversa com o absurdo, exposto ali, no Volga (KOSELLECK, 2021, p. 88).

Koselleck utiliza as interpretações dos sentidos da batalha de Stalingrado para chegar à seguinte tese: a história *in actu* é por si só irracional, a racionalidade está no máximo na análise da história que é realizada após os eventos históricos. Portanto, diferentemente de Hegel - e de uma certa tradição especulativa do século XIX -, que atribuiu um sentido racional para a história *in actu*, ou seja, que haveria uma espécie de astúcia da razão que conduziria a história em termos metafísicos, Koselleck entende que a história por si só é irracional. Assim, a história enquanto acontecer, por assim dizer, não carrega uma racionalidade intrínseca, ou seja, um sentido racional *a priori*, como se ela fosse em si mesma e para si mesma dotada de sentido inteligível. Assim sendo, Koselleck entende que a racionalidade - no máximo - está nas narrações que os historiadores realizam depois que os eventos acontecem, pois os eventos por si só não são racionais e, tampouco, carregam um sentido teleológico. De acordo com Koselleck:

O absurdo, o aporético, o insolúvel, o sem sentido e o paradoxal, que aqui comprovamos no complexo da batalha, são, com efeito, analiticamente levados a um conceito e, pela narrativa, transladados para a percepção. Precisamos da narrativa para comprovar o aporético, para fazê-lo inteligível, mesmo que não se possa fazê-lo racional ou conceitualizável (KOSELLECK, 2021, p. 88).

O historiador alemão entende que existem múltiplas percepções acerca da história *in actu*. No entanto, para ele, o que se pensa sobre os acontecimentos nunca é igual ao que ocorreu. Essa pluralidade de interpretações poderia, segundo Koselleck, adentrar um terreno muito subjetivista, a exemplo da teoria de Hayden White, que acaba esgotando a realidade⁷ em sua

⁷ Koselleck não chega a afirmar que a teoria da história dos tropos de Hayden White abandonou o princípio básico de realidade. Por outro lado, a crítica de Koselleck se dirige à excessiva textualização da *realidade histórica* que acaba reduzindo-se ao sentido meramente verbal. Aqui, podemos ter uma boa pista que Koselleck se afastou da *Virada Linguística*, apesar de ele nunca ter escrito nada em específico acerca de tal fenômeno.

elaboração verbal e cultural. “Desse modo, ela se fixaria apenas no meio do chamado discurso literário e, assim, também retoricamente. Com isso, a realidade histórica se esgota na instituição correspondente de sentido verbal” (KOSELLECK, 2021, p. 90). Assim sendo, Koselleck decide pensar nas perspectivas possíveis para as histórias, em que a história real sempre é mais e menos do que está contido nas orientações conscientes e nas narrativas. Portanto, as experiências históricas não podem se reduzir a uma narrativa e, tampouco, a narrativa deve-se reduzir-se às experiências históricas. Para Koselleck:

desse modo aprendemos a tratar com o paradoxo de que uma história, engendrada no curso do tempo, é sempre diversa do que aquela que retrospectivamente se explica como uma “história” (“*Geschichte*”). Daí decorre que essa diferença sempre se reabre, porquanto a história cientificamente reconstruída permanece uma antecipação à incompletude, dado que a história continua seu curso. A diferença entre cada história que muda em cada situação e cada história cientificamente estabelecida ou fixada, assim contém, um paradoxo insolúvel, pois a diferença entre a história propriamente dita e a história interpretada constantemente volta a se reproduzir (KOSELLECK, 2021, p. 93).

Todavia, essas divergências não significam que o conhecimento histórico não tenha sua validade, pelo contrário, Koselleck pensa que a *realidade histórica* é pesquisada pela ciência histórica e, posteriormente, narrada. No entanto, como o *devir* histórico está sempre em movimento, o que narramos acaba se perdendo no emaranhado temporal e, portanto, a história sempre terá possibilidade de ser reescrita a partir das demandas do presente, ainda que a diferença entre a história enquanto tal e a história narrada constantemente volte a se reproduzir. Segundo Koselleck, o surgimento desses impasses metodológicos é recente. São possibilitados pelo surgimento do conceito moderno de história, que de certa maneira, acabou submetendo o acontecimento histórico e o conhecimento histórico a uma única estrutura. “Onde se concebe aquela poderosa ‘história em si e para si’, desaparecem tais histórias que pressupõem a diferença entre fazer e agir e as narrações a ela relativas” (KOSELLECK, 2021, p. 95).

Como vimos anteriormente, a história como sujeito e objeto de si mesma é uma aporia moderna. Antes do conceito moderno de história, cada história tinha o seu sujeito e, portanto, poderia se tornar objeto narrativo do historiador. No entanto, agora, o conceito moderno de história acabou absorvendo em si a história (*Historie*). Assim, a ciência da história e a narrativa interligaram-se conceitualmente com a história efetiva (*tatsächliche Geschichte*). Um dos problemas de a história tornar-se sujeito de si mesma como também da narrativa e da ciência foi a redução da experiência à articulação verbal. Portanto, os diferentes estratos de tempo acabam se unificando por meio da reflexão verbal.

Koselleck também realizou críticas sobre o historicismo. Segundo o autor:

Foram voluntariamente neutralizadas as distinções entre percepções, veracidades objetivas e o que de fato era o acaso. A multiplicidade dos padrões de sentido concorrentes, que se excluem entre si (e remetem para a ausência de sentido comum), seletivamente favoreceu interesses particulares, foi esclarecida e assim posta como absoluta. Classes, Estados e nações, como antes príncipes ou santos, foram postos e tornados como instâncias finais dadas (KOSELLECK, 2021, p. 98).

Desse modo, Koselleck entende o historicismo como perigosamente relativista, pois, relativiza a multiplicidade das histórias disponíveis colocando-as em uma totalidade histórica que deveria falar em nome de um ente supostamente privilegiado historicamente, por exemplo: *Classe, Civilização, Estado-nação, Progresso e Pátria*.

Koselleck afirma que foi o jovem Nietzsche o primeiro pensador a realizar críticas contra todas as instituições de sentido, pois, para o filósofo alemão, todas essas necessidades históricas soam como excessivas e profundamente prejudiciais à história (KOSELLECK, 2021, p. 99). Assim sendo, o grande problema dessa visão de história historicista era a insistente tentativa de historicizar radicalmente todos os aspectos da existência, ou seja, habitava no bojo do historicismo a demasia de compreender as histórias, – o excesso de história acabou prejudicando a capacidade das pessoas agirem e viverem no tempo presente (OLSEN, 2012, p. 59).

Indubitavelmente, segundo Koselleck, Nietzsche critica a teleologia da história (*Geschichte*). A história enquanto *devoir* não desemboca inexoravelmente em nenhum *telos*, isto é, em um lugar fixo traçado de antemão. Junto à teleologia histórica, Nietzsche combate a ideia de necessidade histórica, onde a própria história ganha uma mecânica própria: “Imputar à história um curso inevitável nada mais é do que submetê-la e encaixá-la para que promova uma hipotética necessidade. A necessidade suposta engessa a história a um sentido, que põe o homem sob sua tutela (KOSELLECK, 2021, p. 100). De acordo com Koselleck, Nietzsche argumenta que até mesmo os modelos de sentido que carregam uma espécie de moral justa acabam por cair no absurdo. Desse modo, o filósofo alemão se afasta de qualquer instituição de sentido historicamente condicionada, substituindo-a por um conceito de vida livre de sentido.

Todavia, para Koselleck, mesmo que Nietzsche tenha livrado a história de sentidos previamente determinados, bem como ter considerado a possibilidade da pluralidade de sentidos, ele ainda colocava a história a serviço da vida, o que não deixou de colocar a historicidade submetida a uma certa finalidade e, conseqüentemente, ao sentido histórico. Desse modo:

O próprio Nietzsche, contudo, não nos livrara do paradoxo em que permanecia enredado pelo duplo sentido do conceito de história. (*Geschichte*). À medida que punha a *Historie* a serviço da vida – *historia ancilla vitae*, em vez de *historia magistra vitae* –, por certo liberava o super conceito de *Geschichte* de suas exigências abusivas de sentido e não poupava de crítica sarcástica cada um dos ideogramas da instituição de sentido, que aprendia a ler, na autoilusão e anúncio das catástrofes vindouras. Mas, depois de a *Historie* ser degradada como serva da vida, todos os problemas de que Nietzsche livrara a história (*Geschichte*) reaparecem pela porta de trás. Pois, tão logo se emprega aos campos de atividades humanas, também o conceito de vida evoca a questão da finalidade e, assim, a questão do sentido (KOSELLECK, 2021, p. 103).

Ademais, na perspectiva de Koselleck, o filósofo alemão não resolveu o problema da ambiguidade entre acontecimento, bem como, a representação desse acontecimento. O mérito de Nietzsche foi a libertação do plural campo de ação em detrimento das necessidades históricas e, agora, múltiplos sentidos são possíveis. Portanto, não existe uma história “em si e para si”, mas sim múltiplas histórias que compreendem diferentes condições de possibilidades e significações.

Koselleck coloca-se avessamente contra todas as instituições de sentido, pois a maioria das tentativas de dar sentido ao horror acabam, de certa forma, justificando-o a partir de uma necessidade histórica, que nela mesma já se configura como irracional. Koselleck cita o caso da fundação do Estado de Israel, ao qual seria bastante absurdo atribuir *Auschwitz* como fato histórico inexorável para a criação do Estado de Israel. Assim, “empregar a aceleração na fundação de Israel como argumento de sentido para *Auschwitz* seria, em suma, o absurdo confirmado, ou seja, afirmar a eficácia do próprio absurdo” (KOSELLECK, 2021, p. 107). Portanto, Koselleck mostra-se totalmente ao contrário das justificativas de massacres, guerras e genocídios no presente em nome de necessidades históricas a serem realizadas no transcurso do tempo. No entanto, para Koselleck, mesmo que a história enquanto *devir* não tenha um sentido prévio e intrínseco à própria historicidade, não quer dizer que não possamos refletir e investigar aquilo que pode fazer sentido para a nossa própria existência, para a nossa vida prática.

5 A ONTOLOGIA DA HISTÓRIA EM REINHART KOSELLECK

5.1 REINHART KOSELLECK E A TRADIÇÃO DA ONTOLOGIA HERMENÊUTICA

Como vimos na breve biografia que foi realizada sobre Reinhart Koselleck, notadamente o historiador alemão fora influenciado intelectualmente por dois filósofos da tradição da ontologia hermenêutica: Gadamer e Heidegger.

Gadamer, publicou a sua principal obra, *Verdade e Método* (1960), aos sessenta anos de idade. O autor, ao longo de sua obra, demonstrou que a hermenêutica não é simplesmente um problema de método⁸, isto é, apenas um instrumento que o cientista social – ou o historiador – detém para ter acesso original à verdade dos textos. Para o autor, “entender e interpretar os textos não é somente um empenho da ciência, já que pertence claramente ao todo da experiência do homem no mundo” (GADAMER, 1999, p. 31). Nesse sentido, influenciado por Heidegger, Gadamer entende que a hermenêutica é uma forma de *ser e estar no mundo*, ou seja, o ser humano já é um agente histórico hermenêuta, que, portanto, interpreta o mundo que o cerca, independentemente de um método científico rigoroso. Assim sendo, a interpretação traz consigo um caráter intrinsecamente ontológico, pois ela faz parte da constituição do ser humano com o mundo. Luiz Eduardo Soares afirma que a reflexão sobre a hermenêutica

Trata-se, isto sim, de todo um “mundo” que, antes de cada preposição científica, constitui o sujeito que a enuncia, o objeto que ela concebe e a natureza particular de sua inter-relação, da qual deriva a possibilidade de formulação do próprio discurso científico (SOARES, 1994, p. 12).

Gadamer argumenta que a *linguagem* é o elemento constitutivo do ser humano, é com ela que os sujeitos dão sentido, dialogam e ressignificam o mundo em que habitam e, portanto, só se pode pensar a história dentro da *linguagem*. Para Gadamer, a *linguagem* não é um mero instrumento que os seres humanos usam quando querem, como se pudesse ser guardada em uma caixa de ferramentas para servi-lhes quando necessária, “pelo contrário, em todo conhecimento de nós mesmos e do mundo, sempre já fomos tomados pela nossa própria linguagem” (GADAMER, 2002, p. 176). Isso nos leva à tese máxima de Gadamer: “O ser que

⁸ Para Gadamer, nem mesmo Dilthey, que pretendeu liberar as ciências do espírito das ciências da natureza, não conseguiu apartar a influência da segunda ciência sobre a primeira. As ciências humanas continuavam em busca de um método com um fim em si mesmo (GADAMER, 1999, p. 44). Portanto, foi Heidegger quem trouxe a ideia da hermenêutica como uma forma de ser.

pode ser compreendido é linguagem”. Portanto, é impossível pensar as relações humanas, bem como a história sem a *linguagem*, segundo Gadamer.

A hermenêutica de Gadamer possui um fundo ético, isto é, pensa a *linguagem* como um elemento universal, que possibilita a troca de múltiplas experiências entre diferentes culturas, guiadas por meio da tradição e da *linguagem*. Essa possibilidade de abertura para o outro, através do diálogo, Gadamer chamou de *fusão de horizontes*. Por sua vez, esse diálogo, para Gadamer, nunca se encerra em uma dialética fechada, sempre é possível revisitá-lo com outras possibilidades de sentido e interpretação. Assim sendo, a hermenêutica possui um caráter eminentemente aberto, portanto, não busca o fechamento das interpretações por meio de uma síntese. Luiz Eduardo Soares define bem as pretensões da hermenêutica de Gadamer. De acordo com o autor:

Estamos mergulhados num mundo histórico de culturas e tradições, numa floresta de símbolos, e só pensamos, nos comunicamos compreendemos ou agimos significativamente a partir desse quadro de referência – tão onipresente quanto fugidio, invisível, resistente ao controle e à plena codificação –, ainda quando a transformamos. Sempre que se trata de sentido, de linguagem, estamos condenados às limitações imposta pelo horizonte que resulta da projeção de nossa pré-compreensão, determinada pelas tradições, com as quais não cessamos de dialogar. A este diálogo, autores contemporâneos, como Gadamer têm chamado hermenêutica, ou interpretação. Nele, repõem-se tradições apropriadas a partir de nossa imersão no “mundo” muito específico que circunscreve nossa possibilidade de atribuição de sentido. Por isso essa aproximação ou tradução consiste antes em redefinição que em reiteração do já dado. Daí se entende o caráter aberto da ideia de horizonte, que indica, portanto, além do limite, disponibilidade criativa, ou seja, receptiva para acolher outras tradições, outras culturas – está a origem da celebre metáfora “fusão de horizontes” (SOARES, 1994, p. 12-13).

Portanto, a hermenêutica de Gadamer configura-se como a forma existencial do ser humano dialogar a partir de sua *linguagem*, bem como a partir de suas *pré-concepções* com o outro, ou seja, com os diferentes existentes. Para Gadamer, nada escapa ao mundo da *linguagem*.

Diante disso, cabe questionar: qual a relação de Koselleck com a hermenêutica? Como Koselleck começou a elaborar a sua *ontologia da história*? Quais foram os objetivos de Koselleck ao elaborar uma ontologia da história? Certamente, para começar a tatear essas questões, faz-se necessário recorrer à célebre palestra proferida por Koselleck, em 16 de fevereiro de 1985, na Universidade de Heidelberg, em função da comemoração do 85º aniversário de Gadamer, onde o historiador alemão intitulou-a “Teoria da história e hermenêutica”. Nessa palestra, Koselleck apresentou Gadamer com uma densa reflexão acerca das aporias que associam a hermenêutica com o conhecimento histórico, mas também

presenteou todos aqueles que, de uma forma ou de outra, se interessam pelas reflexões sobre hermenêutica e teoria da história. A palestra de Koselleck foi publicada no livro *Estratos do tempo: estudos sobre a história* (2014), intitulada: *Teoria da história hermenêutica*.

Koselleck começa o seu ensaio elogiando a hermenêutica gadameriana, principalmente por colocar *a temporalidade* como um problema basilar da *compreensão histórica*. Ademais, o historiador alemão questiona em que medida a hermenêutica de Gadamer pretende abarcar a teoria da história. Para Koselleck, é impossível pensar a narrativa histórica (*Historie*) sem a hermenêutica, tendo em vista que é a partir dela que o historiador, bem como os sujeitos históricos, atribui sentido e significado à história. “O homem, projetado para compreender, não tem outra opção senão conferir sentido à experiência da história, ou, por assim dizer, assimilá-la hermeneuticamente.” (KOSELLECK, 2014, p. 92). Portanto, Koselleck concorda com Gadamer sobre a indissociabilidade da hermenêutica do ato de narrar as histórias, ou seja – uma disciplina que trabalha com textos está eminentemente interligada com a hermenêutica. No entanto, Koselleck postula uma indagação bastante provocativa e pertinente sobre a hermenêutica de Gadamer:

Quem depende da linguagem e de textos não pode escapar à reivindicação dessa hermenêutica. Isso vale para a narrativa histórica. Mas será que vale também para uma teoria da história (*Theorie der Geschichte*) que não tenta conhecer empiricamente as histórias passadas, mas indaga quais são as condições de possibilidade da história? Será que essas condições se esgotam na linguagem e nos textos? Ou será que existem condições extralinguísticas, pré-linguísticas, mesmo que tenhamos de usar a linguagem para nomeá-las? Se existem essas precondições da história que não se esgotam na linguagem nem dependem de textos, o estatuto epistemológico da teoria da história não pode ser enquadrado como uma divisão da hermenêutica (KOSELLECK, 2014, p. 92).

Desse modo, Koselleck acaba questionando o excesso de textualização da *realidade histórica* que, de certa forma, a hermenêutica de Gadamer acaba sugerindo, em especial pela influência da *Virada Linguística*⁹. O historiador alemão, portanto, tenta pensar um âmbito

⁹ A *Virada Linguística*, de maneira geral, trouxe à tona o problema da *linguagem* para as ciências humanas. No entanto, deveríamos falar em *Viradas Linguísticas*, segundo Martin Jay (1988). O autor afirma que as viradas linguísticas tomaram caminhos distintos, portanto, existem várias possibilidades de viradas linguísticas, uma delas é a tradição hermenêutica alemã – que pode ser dividida em duas tradições: a tradição existencialista representada por Gadamer e a tradição da teoria crítica retomada por Habermas. Nesse sentido, Gadamer preocupou-se com o fenômeno da *linguagem*, sobretudo em *Verdade e Método*, com sua hermenêutica filosófica. Dito isso, Koselleck se afastou da *Virada Linguística*. O autor parece não ter gostado de uma excessiva textualização da *realidade histórica*. Nesse sentido, Koselleck pensou uma *ontologia da história* a partir de uma leitura original de *Ser e*

extralinguístico do mundo histórico que escapa à hermenêutica. A teoria da história tenta abarcar todas as esferas da história, seja enquanto conhecimento, seja como experiência. Assim, a teoria da história não pode ser restringida à linguagem, ela também precisa dar conta das condições de possibilidade da história em seu plano vivido, ou seja, nas relações e ações concretas dos sujeitos históricos que antecipam e prefiguram qualquer escrita da história. Nesse sentido, o historiador alemão defende que existem *categorias existenciais*¹⁰ que antecedem os textos.

Para Alberti (1996), o mérito de Koselleck está em buscar delimitar, na história, um espaço fora do cosmos da hermenêutica, restituindo ao mesmo tempo à hermenêutica sua especificidade. O espaço onde a hermenêutica "não está" é, para Koselleck, o da *Historik*, ou seja, o do "ensinamento das condições de possíveis *Geschichten*".

Alberti demonstra como Koselleck estava preocupado, de certa maneira, com um certo relativismo "improdutivo" que a hermenêutica de Gadamer poderia desembocar caso fosse levada ao extremo. Segundo Alberti, a hermenêutica traz alguns riscos se ela for usada de "maneira indiscriminada", portanto:

O risco do relativismo "improdutivo" tem origem em um outro fascínio que a hermenêutica exerce sobre nós: a consciência de que sempre haverá lacunas na interpretação, por ser impossível - justamente pela distância temporal e pelo *gap* que nos separa de outras expressões de vida - dar conta de *tudo*. É fascinante reconhecer que, por maior que seja nosso esforço e nosso preparo gramático e histórico, nossa compreensão do outro nunca será completa e finita. Disso resulta que as interpretações podem ser indefinidamente refeitas, havendo sempre novos ângulos e pontos de vista, condicionados pelas posições particulares de cada um dos intérpretes (ALBERTI, 1996, p. 20).

De acordo com Thamara de Oliveira Rodrigues (2021), o que está em jogo nem é tanto uma crítica específica ao Gadamer, mas sim uma denúncia e um afastamento em relação ao historicismo e ao relativismo que de alguma forma poderia estar próximo à hermenêutica. Portanto, a crítica de Koselleck não se dirige necessariamente à hermenêutica gadameriana (RODRIGUES, 2021, p. 41). Nesse sentido, na tentativa de estabelecer um plano de historicidade que prefigura a *linguagem*, Koselleck pretende afastar-se de qualquer possibilidade que leve a teoria da história ao relativismo histórico, portanto, o historiador alemão tentou dar uma espécie de base ontológica *pré-linguística* para a teoria da história.

Tempo, de Heidegger. Não quer dizer que Koselleck tenha abandonado a *linguagem* na produção do conhecimento histórico, pelo contrário, a *linguagem* é um elemento importante na obra de Koselleck. Todavia, o historiador alemão pensa elementos ontológicos que antecedem a *linguagem* para a teoria da história, estes que foram, em certa medida, abandonados e não tematizados pelas *Viradas Linguísticas*.

¹⁰ Tais categorias serão apresentadas e discutidas na próxima seção.

Para pensar uma teoria da história que precede o mundo linguístico, Koselleck recorre a uma das obras filosóficas mais impactantes do século XX, *Ser e tempo* (1927), de Martin Heidegger. Segundo Luísa Rauter Pereira:

Em *Ser e Tempo*, Heidegger procura entender a possibilidade da historiografia a partir do problema fundamental da historicidade constituinte do homem. A história, para Heidegger, é a estrutura ontológica do que chama de “pre-sença”, existência, ou *dasein* humano. A historiografia deve ser, portanto, compreendida existencialmente, como uma das formas provenientes da historicidade da “pre-sença”, antes de ser vista como disciplina científica. Somente porque o ser do homem é constituído de temporalidade, pode ser inserido no movimento histórico tal qual a historiografia vulgarmente o entende (PEREIRA, 2004, p. 15).

Desse modo, Heidegger leva a cabo a tentativa de tematizar a história considerando a *temporalidade* como elemento constitutivo do ser humano, portanto, a *temporalidade* não é apenas um ser e estar no tempo¹¹, ela configura nosso tecido existencial enquanto *ser-no-mundo*. Nas palavras de Heidegger: “A análise da historicidade da pre-sença buscar mostrar que esse ente não “é temporal” porque “se encontra na história”, mas, ao contrário, que ele só existe e só pode existir historicamente porque, no fundo do seu ser, é temporal” (HEIDEGGER, 2005, p. 181).

Sabendo que o ser humano é temporal na própria constituição da sua existência, a *temporalidade* se relaciona com o *ser-para-morte*, ou seja, a experiência humana possui um caráter eminentemente finito. “Delimitada pelo nascimento e a morte, a estrutura básica do *Dasein*¹² é sua temporalidade” (KOSELLECK, 2014, p. 93). Nesse sentido, é a partir da obra de Heidegger que Koselleck tenta elaborar uma teoria da história *pré-linguística*. Para o historiador alemão:

Ao contrário da narrativa histórica (*Historie*) empírica, a teoria da história não se ocupa com as histórias (*geschichten*) como tais, cujas realidades passada, atuais e talvez futuras são tratadas e examinadas pelas ciências históricas (*Geschichtswissenschaften*). A teoria da história é, antes, a teoria das condições de possibilidade da história. Ela trata dos elementos prévios, no plano teórico, que permitem compreender por que as histórias ocorrem, como elas podem ocorrer e também por que e como devem ser analisadas, representadas ou narradas. A teoria da história, portanto, aponta para o caráter duplo de toda história, ou seja, tanto para os nexos entre os acontecimentos como para a maneira de representá-los (KOSELLECK, 2014, p. 93).

¹¹ Embora Heidegger esteja preocupado em estabelecer as bases da temporalidade enquanto elemento intrínseco ao ser-aí, ele não rejeita a intratemporalidade, ou seja, a cronologia e o calendário como ciências auxiliares importantes para a historiografia. Portanto, o ser e estar no tempo também possui a sua importância para o fazer historiográfico (HEIDEGGER, 2005, p. 181).

¹² Segundo José Jesús Adrián Escudero (2009), não há um consenso sobre a tradução do termo *Dasein*, embora o mais comum seja *ser-aí*.

No entanto, Koselleck realizou uma apropriação, bem como uma releitura original e crítica da obra *Ser e Tempo* de Heidegger, ou seja, incorporou, refutou alguns argumentos e elaborou outros. Para Koselleck, a análise da *temporalidade* e da *finitude* realizada por Heidegger deixa a desejar em vários aspectos. Muitas categorias e interpretações, que poderiam ser ampliadas ou melhor aproveitadas, induziram a uma leitura antropologizante¹³, por mais que o próprio Heidegger pretendia evitar tal antropologização. Segundo Koselleck, as categorias de Heidegger são enfadonhas e ultrapassadas e, até mesmo, perigosas, especialmente por essas terminologias possibilitarem uma interpretação ideológica e política. “Quem, antes de 1933, falava em “consciência determinada pela antecipação da morte” (*Zum Tode vorlaufender Entschlossenheit*) não podia mais, depois de 1945, fugir de uma interpretação ideológica” (KOSELLECK, 2014, p. 94). Como vimos anteriormente, Koselleck criticou fortemente os sentidos que os russos e os alemães tentaram dar para a batalha de Stalingrado, batalha essa em que morreram inúmeros soldados em nome dos Estados-nação. O historiador alemão viveu o horror da guerra, jamais concordaria com a ideia de antecipar vidas diante de um *front* por um ente que se pretende absoluto. Assim, a categoria “*ser livre para a morte*” (*Freisen Zum Tode*) é completamente problemática e arriscada para pensar a *historicidade*, segundo Koselleck. Outras categorias¹⁴ heideggerianas que são, para Koselleck, totalmente dispensáveis: “*angústia*” (*Angst*), “*história como destino*” (*Geschick*), “*povo*”, “*fidelidade*”, “*morte*”, “*culpa*”, “*autenticidade*” (*Eigentlichkeit*) e “*inautenticidade*” (*Uneigentlichkeit*).

De acordo com Koselleck, Heidegger abstrai completamente a história, a *historicidade* é uma categoria que aparece em *Ser e Tempo*, todavia, não contempla satisfatoriamente estruturas interpessoais ou supraindividuais, que são tão importantes para pensar a história. Diante desse impasse, Heidegger recai no perigo de uma ontologia transhistórica da história, pois não considera os agenciamentos coletivos que constituem a *historicidade* (KOSELLECK, 2014, p. 278). Nesse sentido, o historiador alemão chega à conclusão de que a tematização da finitude humana feita por Heidegger é incompleta e, conseqüentemente, não dá conta de pensar as condições de possibilidade das histórias. Portanto, a tematização da finitude humana precisa ser ampliada para poder desenvolver uma teoria da história que permita pensar as condições de possibilidade da história a partir da *temporalidade* e da *historicidade*, bem como a possibilidade de as histórias serem narradas, representadas e efetuadas no seu plano real.

¹³ Análise muito reduzida num sujeito que, portanto, acaba deixando de considerar as interações humanas.

¹⁴ Por mais que essas categorias sejam *pré-linguísticas*, elas não escapam de uma interpretação ideologicamente perigosa, bem como antropologizadora.

Koselleck ampliou de forma original e sofisticada a analítica da historicidade que fora pretendida por Heidegger, mas sem sucesso em sua realização pelo autor de *Ser e Tempo*. Analisamos, então, que é a partir do intenso diálogo com Gadamer e Heidegger que Koselleck elabora sua *ontologia da história*¹⁵, sobretudo com o objetivo de *encontrar estruturas de historicidade pré-linguísticas* e que não sejam reduzidas meramente a um sujeito. Desse modo, Koselleck parte da tradição da ontologia hermenêutica, principalmente realizando uma leitura sofisticada, inovadora e crítica sobre ela. Veremos melhor a a leitura que Koselleck realiza sobre a ontologia hermenêutica na seção que se segue.

5.2 AS CATEGORIAS EXISTENCIAIS KOSELLECKIANAS

Como apresentamos anteriormente, Koselleck tenta pensar uma teoria da história com base ontológica que pretende abarcar satisfatoriamente a *historicidade*, bem como a *temporalidade*. Embora a análise da finitude humana tematizada por Heidegger seja importante, ela acaba recaindo em uma existência individual, portanto, não considera as tensões e as relações sociais que são parte constitutivas das condições de possibilidade da história. Koselleck argumenta:

As temporalidades da história são constituídas, desde sempre, pelas relações humanas, sempre se trata da simultaneidade do não contemporâneo, de relações de diferença que contêm sua própria finitude, a qual não pode ser reduzida em uma existência particular (KOSELLECK, 2014, p. 94).

Assim sendo, com essa crítica a Heidegger, Koselleck compreende que as histórias que nós conhecemos são marcadas por tensões, embates, diferenças e múltiplas temporalidades. Portanto, a história sempre trata de inúmeras temporalidades, nunca apenas de uma única temporalidade. O *Dasein* fechado em si mesmo não constrói nenhuma história relevante, pois as histórias que os historiadores narram e pesquisam sempre consideram as relações sociais. Mesmo quando se pesquisa a biografia de um único indivíduo, podemos perceber que esse indivíduo terá relações sociais com outros sujeitos. Afinal, o *ser-aí* sempre está lançado no mundo com outros existentes – que partilham diferentes tessituras temporais.

¹⁵ Como sugere Olsen, na década de 1950 o historiador alemão já tinha interesse em pensar a possibilidade, bem como a necessidade de um projeto de uma ontologia da história (OLSEN, 2012). Isso fica evidente, segundo Olsen, em uma carta destinada a Carl Schmitt, em 1953, onde Koselleck mostra sua busca por desvelar estruturas existenciais do *Dasein* que, por assim dizer, constituem e possibilitam todas as histórias.

Koselleck procura ampliar as *categorias existenciais* heideggerianas para pensar as condições de possibilidade de qualquer história possível, pois as seguintes categorias não são úteis para pensar essa *historicidade*, bem como o movimento histórico: *origem*¹⁶, *herança*, *fidelidade*, *destino*, *povo*, *cuidado* e *angústia*.

Koselleck mobiliza cinco categorias existenciais (ontológicas) que entende pertinentes para tematizar a estrutura temporal fundamental de qualquer história possível, quais são: “poder matar” (*Totschlagenkönnen*), *amigo e inimigo*, *interior e exterior*, *geratividade*, *acima e baixo*. Uma boa definição de categorias existenciais (ou existenciários) se encontra em Paul Ricoeur: “Os existenciários são esses modos de descrição. Eles são assim chamados porque delimitam a existência, no sentido forte da palavra, como maneira de surgir nos cenários do mundo” (RICOEUR, 2007, p. 358). Portanto, as *categorias existenciais* tentam abarcar o *mundo real*¹⁷, ou seja, os elementos históricos que prefiguram uma escrita da história.

Segundo Koselleck, para que a história seja possível, a noção de “*antecipação da morte*” (*Vorlaufen Zum Tode*), precisa ser complementada pela categoria do “*poder matar*”. Nesse sentido, as histórias que nós conhecemos hoje não existiriam se o poder de abatimento não fosse possível, pois essa é, sobretudo, uma condição de *historicidade*. Koselleck argumenta que os homens fizeram da sobrevivência o objeto constante de seus esforços ao longo da história, desde os bandos de coletores e caçadores até as superpotências nucleares. Essa categoria torna-se importante para tematizar a *finitude* e a *historicidade* do ser humano, pois trata o *Dasein* em termos coletivos. “Se não existisse a capacidade de matar os semelhantes, de poder encurtar violentamente o período dos outros, não existiriam as histórias que conhecemos” (KOSELLECK, 2014, p. 96).

¹⁶ Heidegger em *Ser e Tempo* estabeleceu a ideia de diferença ontológica, isto é – a diferenciação entre ser e ente. Nesse sentido, o filósofo alemão demonstrou que o ser não pode ser reduzido a um ente (nação, classe, civilização, etc.). No entanto, quando Heidegger realizou a sua análise da finitude humana a partir das categorias mencionadas acima, ele acabou com a diferença ontológica que ele mesmo propôs. Assim, Heidegger acabou transformando e reduzindo sua analítica do *Dasein* a uma espécie de origem, portanto, acabando com a *historicidade*. Foucault, em seu célebre texto: *Nietzsche, a Genealogia, a História* (1971), mostra como a genealogia difere-se da busca da origem, pois a genealogia explicita que não existem essências primeiras intocáveis pela temporalidade, que não existem valores humanos absolutos e totalizantes. A genealogia demonstra as rupturas, as bruscas descontinuidades e os acidentes históricos (FOUCAULT, 2008, p. 262). Assim, a ontologia histórica de Koselleck aproxima-se da ideia da genealogia foucaultiana, no sentido de pensar uma teoria da história capaz de tematizar a *historicidade* e a finitude humana, que coloca a história em movimento, mas sem determinar esse movimento em uma origem primeira, bem como determinar a direção dessa temporalidade em um *telos*. Desse modo, as categorias existenciais ampliadas por Koselleck tentam dar conta das condições de possibilidade de qualquer história possível, sem recair numa origem primeira ou causa final. Por exemplo, a ontologia de Koselleck e a genealogia de Foucault negam a filosofia da história kantiana, que tenta pensar como a história realiza as intenções secretas da natureza.

¹⁷ Cada vez que formos fazer a menção da expressão “mundo real”, estaremos sempre nos referindo aos eventos históricos que prefiguram uma escrita da história. A expressão “mundo real” é utilizada por David Carr em seu texto *A narrativa e o mundo real: um argumento a favor da continuidade*. Para acompanhar melhor, ver CARR; MALERBA, 2016).

Para Koselleck, as histórias não seriam possíveis sem o par antitético *amigo e inimigo*¹⁸ ou seja, implicam finitudes que se manifestam por trás de toda a história da auto-organização humana. Koselleck exemplifica essas categorias – *amigo e inimigo* – ao mencionar as sucessões diacrônicas nas quais sempre ocorrem embates, sejam entre gregos e bárbaros ou gregos contra os próprios gregos, cristãos combatendo contra pagãos ou contra os próprios cristãos, bem como embates entre entidades modernas que se definem como humanas combatendo os adversários que elas excluem da ideia de humanidade. Segundo Koselleck, essa categoria também engloba uma oposição formal que pode ser preenchida com qualquer conteúdo empírico, tendo em vista que ela se configura como uma categoria transcendental de qualquer história possível (KOSELLECK, 2014, p. 96). De acordo com Koselleck, por mais que essas categorias possam ser mobilizadas com fins ideológicos, elas são *determinações existenciais* que carregam uma consistência que resiste ao simples uso ideológico que se possa fazer delas. Desse modo, tais categorias servem satisfatoriamente como oposição formal para tematizar as condições de possibilidade da história.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger mostrou que a *espacialidade* também é – assim como a temporalidade – constitutiva do *ser-aí*. Portanto, o ser humano também é espacial no fundo do seu ser, isto é, ele se *espacializa* a partir de sua relação originária com o mundo. Assim, para Heidegger, a determinação “*espaço-temporal*” do *Dasein* não pode designar que esse ente seja e esteja meramente “no espaço e também no tempo”. O *ser-aí* nunca é e está simplesmente dado no espaço, ou seja, ele não preenche um pedaço do espaço. Podemos perceber que Heidegger se opõe à noção de espaço cartesiano e kantiano, onde o espaço se configuraria como uma espécie de continente natural, no qual o *Dasein* ocupa um lugar determinado (HEIDEGGER, 2005, p. 169-170). Desse modo, a *temporalidade e a espacialidade*¹⁹ são inerentes ao *Dasein*, bem como estão imbricadas.

Segundo Koselleck, é preciso considerar um par antitético de natureza mais geral: a oposição entre “*interior*” e “*exterior*”. Esse par marca estruturas de finitude que estão relacionadas à espacialidade histórica. O historiador alemão reconhece a importância de pensar a espacialidade originária do *Dasein*, portanto, uma teoria da história precisa completar essa determinação, de modo que todo *Dasein* histórico seja dividido em um espaço interior e um espaço exterior (KOSELLECK, 2014, p. 97). Pode-se pensar essa relação entre “*interior*” e

¹⁸ A partir da categoria “amigo” e “inimigo” fica evidente a influência de Carl Schmitt no pensamento de Koselleck.

¹⁹ Jacques Derrida entende o tempo e o espaço como inseparáveis e concomitantes. Segundo o filósofo, trata-se de um “*espaçamento*” ou “*temporalização*”. Para pensar essa imbricação “*espaço-temporal*”, retomamos as palavras do filósofo franco-magrebino: “vir-a-ser-espaço do tempo e o vir-a-ser-tempo do espaço” (DERRIDA, 1973, p. 83).

“*exterior*” enquanto território e, portanto, tem-se a possibilidade de conjugar a noção de “*amigo*” e “*inimigo*” junto com a territorialidade, isso ajuda na construção do Estado-nação, ou seja, um espaço onde se demarca constantemente quem está dentro e quem está fora desse território nacional. A noção de interioridade e exterioridade está relacionada com as estruturas de finitude que são espaciais, as quais estão subordinadas a uma certa concepção de temporalidade que se temporaliza no exercício dessas relações de forças históricas que se encontram no mundo.

Koselleck define uma categoria variante entre “*interior*” e “*exterior*”, que é a dimensão que envolve o aspecto “*público*” e “*secreto*”. Essa configuração apresenta uma discussão interessante sobre a esfera pública. Nessa perspectiva, existe uma ideia da esfera pública como se fosse o espaço de toda transparência possível, entretanto, sabe-se que não há esfera pública que não tenha também a sua dimensão de segredo, não somente segredo de estado, pois, o segredo também acontece em situações particulares.

De acordo com Koselleck, para fundamentar as condições de possibilidade de história, é preciso levar em consideração a categoria da “*geratividade*”. Heidegger afirma que os existentes devem aceitar a própria existência e a finitude da vida, ou seja, aceitar o nascimento e a morte. Sabendo disso, podemos compreender que predecessor, contemporâneo e sucessor, nada mais são do que termos fenomenológicos aos quais os sujeitos atribuem um dado biológico da existência. Todos os seres humanos – independentemente das histórias escritas – carregam uma certa relação de pertencimento a uma determinada época, esse aspecto mencionado claramente abarca a categoria da “*geratividade*”. Para Koselleck, a categoria geratividade abarca as tensões entre gerações, isto é, mudanças e choques geracionais que possibilitam diversos horizontes temporais finitos que produzem histórias. Como as gerações se sucedem, novas relações geracionais se estabelecem. O historiador exemplifica essa categoria a partir da revolta estudantil no fim da década de 1960, onde houve um choque geracional entre a primeira geração que não havia vivenciado a guerra com a geração que experienciou o horizonte da guerra (KOSELLECK, 2014, p. 100).

Remontando a Hegel, a reflexão do historiador alemão conduz ao par antitético “*senhor* e “*servo*”. Koselleck está se referindo a relações entre “*acima*” e “*abaixo*”, ou seja, as hierarquias estabelecidas ao longo da história (KOSELLECK, 2014, p. 101). Então, para que as histórias sejam possíveis, é preciso considerar que essas categorias em termos formais também fazem parte das determinações de finitude. Koselleck exemplifica essa categoria com o diálogo entre os atenienses e os mélios, que foi repetido no diálogo entre Moscou e Praga. Para o autor, pode-se demonstrar empiricamente em ambos os casos quem estava acima e quem

estava abaixo nessas relações. Assim, o diálogo dos mélios foi repetido em Moscou quando Dubček tentou salvar a liberdade de Praga. Portanto, a categoria “*acima*” e “*abaixo*” completa a tematização de todas as histórias possíveis.

Essas cinco categorias mencionadas configuram-se como *determinações existenciais*, ou seja, categorias transcendentais que indicam as condições de possibilidade da história. Nesse sentido, tais categorias ajudam a fundamentar uma teoria da história com envergadura ontológica. No entanto, segundo Koselleck, essas *determinações existenciais* não são a realidade concreta, mas são importantes para a sua tematização. Desse modo, as categorias existenciais também se configuram com uma espécie de metodologia histórica. Por um lado, tais categorias pertencem ao *mundo real*, de outro, elas servem como elemento *heurístico* para compreender as histórias concretas.

De acordo com Ankersmit (2021), Koselleck pensou na possibilidade de indicar o uso da linguagem como uma sexta *determinação existencial*. Todavia, não há certeza se ele a adicionou à lista de categorias. Ankersmit deduz que Koselleck provavelmente abandonou a ideia de colocar a linguagem como uma *categoria existencial*. No entanto, o historiador alemão reservou algumas reflexões importantes sobre a tensão entre *realidade histórica e linguagem*²⁰.

Koselleck desenvolveu outras categorias temporais com uma abrangência ainda maior, chamadas meta-históricas. Trata-se das categorias²¹ “*espaço de experiência*” e “*horizonte de expectativas*”, isto é, categorias sem as quais a história não seria possível, ou até mesmo sequer ser imaginada. Segundo Koselleck, “não há expectativa sem experiência, não há experiência sem expectativa” (KOSELLECK, 2006, p. 307). Portanto, o autor refere-se à “experiência” da seguinte maneira:

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamentos, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias (KOSELLECK, 2006, p. 309-310).

Já a “expectativa”, nas palavras de Koselleck (2006):

²⁰ Reservamos uma seção para discutir melhor a tensão entre *realidade histórica e linguagem* no pensamento de Koselleck, tendo em vista que tal tensão faz parte da ontologia da história do autor, embora não seja muito discutida.

²¹ Segundo Koselleck, essas categorias não correspondem a conceitos da linguagem das fontes, mas sim a categorias analíticas e formais das condições das histórias possíveis, não das histórias enquanto tal (KOSELLECK, 2006, p. 306).

Também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentando, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem (KOSELLECK, 2006, p. 310).

Nesse sentido, as categorias meta-históricas configuram-se como uma condição humana universal, bem como da própria temporalidade da história. No entanto, não há universalidade no conteúdo empírico que resulta dessas histórias. Trata-se, nesse sentido, sempre de uma pluralidade de tempos históricos que emergem do embate entre o passado atuante no presente e o futuro atuante no presente, isto é – da *simultaneidade do não contemporâneo*. As duas categorias são, portanto, pares analíticos da temporalidade humana, ou seja, das formas temporais que constituem o agenciamento humano, este que abarca tanto os rastros do passado que interpelam no presente quanto o futuro projetado neste presente.

Após a exposição dos *existenciários* de Koselleck, convém, agora, discutir a natureza dessas *categorias existenciais* que indicam uma *teoria da história pré-linguística* – esta que pretende abarcar as condições de possibilidade da história. De acordo com Bouton (2016), apesar de Koselleck usar um vocabulário kantiano que congrega os seguintes termos: *categoria*, *transcendental*, *condições de possibilidades*, a sua teoria da história difere da filosofia kantiana em alguns pontos. Sabe-se que o procedimento Kantiano questiona, sobretudo, como o conhecimento é possível. Todavia, a teoria da história koselleckiana tem uma base ontológica. Nesse sentido, a questão não é apenas: como a história é possível como conhecimento? Mas também: como a história é possível como uma série de eventos²²? A teoria da história com base ontológica de Koselleck tenta dar conta da *realidade histórica*, bem como da representação dessa *realidade histórica*. Nas palavras de Bouton (2016):

Whereas a strictly epistemological approach, in the wake of Kant, is limited to the conditions of the possibility of history as knowledge of facts concerning the past, the theory of history encompasses both of the aspects I mentioned earlier, history as a series of events (*res gestas*, *Geschichte*) and history as a discipline, as the knowledge of these events (*historia rerum gestarum*, *Historie*). The ontological approach to history, inspired by Heidegger, attempts to investigate the categories used to think about events, or, to put it another way, to think about the fundamental concepts that structure the experience of history at the level of events, agents, and witnesses (lived history), before the phases of documents (sedimented history) and of historical knowledge (known history) (BOUTON, 2016, p. 174)²³.

²² Deve-se ficar claro que Koselleck está falando de eventos enquanto *realidade histórica*, não está falando de uma história *évènementielle*, isto é – uma história que se concentra na narrativa de episódios históricos.

²³ Enquanto uma abordagem estritamente epistemológica, na esteira de Kant, limita-se às condições de possibilidade da história como conhecimento dos fatos relativos ao passado, a teoria da história engloba ambos os aspectos que mencionamos anteriormente, história como uma série de eventos (*res gestas*, *Geschichte*) e história como uma disciplina, como o conhecimento desses eventos (*historia rerum gestarum*, *Historie*). A abordagem ontológica da história, inspirada em Heidegger, tenta investigar as categorias usadas para pensar sobre eventos,

Ademais, as *categorias ontológicas* não são dadas *a priori*, como é o caso das categorias de entendimento kantianas, ou seja, não são postuladas em uma tabela categorial que torna possível o conhecimento. As *categorias existenciais*, antes de serem inteligíveis, encontram-se no *mundo real*. Diferente de Koselleck, Hayden White – em sua *Meta-história* – trabalha com categorias transcendentais de entendimento que cotejam múltiplas narrativas sobre um determinado fenômeno histórico. White (1973) sugere que a tropologia²⁴ está desde sempre contida no sujeito do conhecimento. Na concepção de Koselleck, embora haja categorias de entendimento que o historiador mobiliza, todavia, essas se encontram nas tensões mundanas, antes da tentativa de o historiador racionalizá-las. Já em White, não se tem essas relações de forças históricas que prefiguram uma escrita da história, é o historiador que organiza o emaranhado de fenômenos históricos com diferentes estilos narrativos.

Pretendemos fazer a distinção entre transcendental no estilo kantiano e transcendental à maneira koselleckiana justamente para mostrar a natureza dessa teoria da história com base *ontológica*, que compete tanto ao plano da história enquanto *realidade histórica* quanto ao plano da história enquanto conhecimento dessa *realidade histórica*.

Pode-se inferir – até este momento do trabalho – algumas reivindicações acerca da perspectiva ontológica da história em Reinhart Koselleck:

1) Ao elaborar uma *ontologia da história*, Koselleck pretende livrar a teoria da história de qualquer aproximação ao relativismo advindo do historicismo, pois a teoria da história koselleckiana busca – com suas categorias existenciais *pré-linguísticas* – pensar as condições de possibilidade da história em termos coletivos, portanto, evitando qualquer perspectiva individualizadora dos fenômenos históricos;

2) A *perspectiva ontológica da história* em Koselleck tenta perceber os embates entre múltiplas temporalidades que colocam a história em movimento, sem determinar a direção desses movimentos. Nesse sentido, a *ontologia* koselleckiana pretende libertar o *dever* das amarras do progresso histórico, que são tão presentes nas filosofias especulativas da história;

ou, dito de outra forma, para pensar sobre os conceitos fundamentais que estruturam a experiência da história ao nível de eventos, agentes e testemunhas (história vivida), antes das fases dos documentos (história sedimentada) e do conhecimento histórico (história conhecida). (Tradução nossa).

²⁴ Hayden White, em sua famosa obra *Meta-história* (1973), postula quatro modos principais de consciência histórica relacionada à tropologia: metáfora, sinédoque, metonímia e ironia. White defende a tese de que o historiador mobiliza tropos para a elaboração de sua narrativa histórica, tendo consciência disso ou não. Portanto, a grade tropológica proposta por White encontra-se no ato da narração do historiador sobre o passado, sobretudo em sua forma poética de dar sentido ao mundo histórico, e tal sentido é possibilitado por vários estilos historiográficos.

3) Koselleck tenta substituir as filosofias especulativas da história por uma *ontologia da história*. Vimos que o autor trabalha com categorias universais ontológicas da experiência histórica. Nesse sentido, há um tom aporético no pensamento de Koselleck, tendo em vista que o autor permanece com uma espécie de *holismo histórico-filosófico*. Portanto, Koselleck tenta combater as filosofias universais da história com categorias históricas universais;

4) Koselleck – ao criticar as filosofias especulativas da história – não abandonou a reflexão filosófica sobre a história, ao contrário, sua apropriação sofisticada e crítica da filosofia gadameriana e heideggeriana o fez elaborar uma ontologia da história com forte carga filosófica. No entanto, sua reflexão filosófica sobre a história é sempre no sentido de indagar: o que torna a história possível? Desse modo, sua reflexão filosófica nunca é no sentido de pensar uma grande narrativa integradora sobre o processo histórico;

5) Pode-se afirmar – sem tantos riscos – que a empreitada de uma teoria da história com base ontológica está muito mais preocupada em pensar elementos históricos *pré-linguísticos* do que uma narrativa verbal sobre a *realidade histórica*;

6) A ontologia da história – pensada por Koselleck – configura-se como uma espécie de *ontologia do conflito histórico*²⁵, tendo em vista que o autor pensa categorias como *amigo e inimigo, acima e abaixo*. Ademais, para o historiador alemão, a *realidade histórica* é marcada por tensões, embates e relações de forças históricas que são contraditórias e, sobretudo, são intrínsecas à própria história enquanto tal. Koselleck denomina essas tensões como estruturas de finitude que se excluem entre si e, portanto, formam as múltiplas temporalidades da história;

7) A teoria da história não pode ser reduzida à hermenêutica. Para Koselleck, a teoria da história questiona as condições de possibilidade da história e, sobretudo, indaga acerca do que não está contido nos textos, isto é – diz respeito aos fenômenos históricos *pré-linguísticos*. Portanto, mesmo que tais fenômenos possam ser nomeados, estes se encontram para além da linguagem²⁶. A hermenêutica se ocupa, por assim dizer, da interpretação histórica, bem como

²⁵ Koselleck, em sua entrevista para Carsten Dutt, argumenta que “Quando se leva isso a sério, destas categorias podem-se derivar formas de conflito – conflitos porque determinações de diferença temporal e social são necessariamente produzidas por essas refrações estruturais. Ou seja, quando tenho uma teoria do conflito, que sempre é produtiva, tenho em vista a mecha de problemas possíveis, os primeiros sintomas geradores de conflitos. E o mais importante parece-me ser que as histórias não terminam *eo ipso* harmonicamente, como sempre reiteraram os filósofos da história, i.e., que as histórias teriam estruturas diacrônicas diacronicamente capazes de cumprimento, senão que diacronicamente vemos que sempre se abrem novos conflitos, de nível alto ou profundo” (KOSELLECK, 2011, p. 313). Assim sendo, há uma teoria do conflito em Koselleck e, portanto, sua ontologia da história é negativa, isto é – pensa os embates históricos que possibilitam a temporalidade da história, onde esses conflitos jamais resultariam em um final da história, tal qual resultam nas filosofias especulativas da história.

²⁶ Koselleck exemplifica sua tese do âmbito pré-linguístico da teoria da história a partir do texto: *Mein Kampf*, de Hitler. De acordo com o historiador alemão, a história que levou a Auschwitz não pode ser meramente deduzida como consequência necessária de *Mein Kampf*. A realidade histórica foi aquela, segundo Koselleck, porque os homens a produziram – no sentido literal, com a produção industrial da morte. A realidade foi muito mais forte do

da produção de sentido sobre os eventos históricos. Assim sendo, a teoria da história está para o *mundo real*, além da fabricação de sentidos que se ocupam a hermenêutica e a narrativa histórica. Koselleck, então, confere à teoria da história um âmbito que tenta desvelar uma realidade que está para além dos textos, por mais que a linguagem seja importante para compreender tal realidade;

8) Por um lado, as *determinações existenciais* pertencem ao *mundo real*, de outro, servem como procedimento *heurístico*²⁷ para a descoberta das histórias concretas. Nesse sentido, é interessante que a *ontologia da história* koselleckiana também se configure como uma espécie de metodologia para pensar a pesquisa histórica.

5.3 AS MÚLTIPLAS CAMADAS DOS TEMPOS HISTÓRICOS

De acordo com Ankersmit (2021), a ontologia da história de Koselleck vai além das categorias existenciais. Para Ankersmit, é necessário levar em consideração a teoria das camadas do tempo, de Koselleck. Portanto, será necessário analisar a teoria das temporalidades do autor.

Koselleck, ao longo de sua obra, sobretudo em *Futuro Passado e Estratos do Tempo* (2006), reivindicou a necessidade de a ciência histórica desenvolver uma teoria dos tempos históricos. Desde que a história tornou-se objeto de si mesma, surgiu o perigo dela se perder na infinitude de objetos. Desse modo, para que a ciência da história siga com o status de ciência, ela necessita de uma teorização das temporalidades (KOSELLECK, 2014, p. 280). A pergunta teórica e filosófica sobre os tempos históricos é, sem dúvida, uma das grandes questões que percorrem a obra do historiador alemão. Portanto, tentaremos demonstrar que essas indagações do autor, levaram-no a elaborar uma ontologia histórica das temporalidades, que não se resume à mera periodização da história, pelo contrário, abarca as múltiplas camadas temporais que só podem ser pensadas a partir dos “*estrados do tempo*”.

Um dos pressupostos básicos de Koselleck sobre o tempo é o de que o tempo histórico difere-se do tempo da natureza, apesar de ambos se relacionarem. A cronologia calcada no tempo da natureza é apenas uma ciência auxiliar para a historiografia. Assim sendo, o tempo histórico não se reduz ao tempo da natureza. Para Koselleck: “Quem busca encontrar o

que os textos. Para Koselleck, existem fenômenos históricos que escapam ao âmbito linguístico. A teoria da história, então, trata desse âmbito pré-linguístico (KOSELLECK, 2014, p. 108-109).

²⁷ Zammito (2021) argumenta que Koselleck tornou as forças pré-linguísticas da experiência histórica como considerações heurísticas para a prática empírica concreta da pesquisa histórica.

cotidiano do tempo histórico deve contemplar as rugas no rosto de um homem, ou então as cicatrizes na quais se delineiam as marcas de um tempo já vivido” (KOSELLECK, 2006, p. 13). Podemos perceber, então, que Koselleck define o tempo histórico como elemento constitutivo do ser humano.

Todavia, Koselleck argumenta que podemos pôr em dúvida um único tempo histórico diferente do tempo natural. Segundo o autor, deveríamos falar em tempo histórico no plural, ou seja, em tempos históricos. O historiador alemão parece preferir a concepção de temporalidade de Herder em detrimento da concepção kantiana de temporalidade, isto é – prefere uma concepção de múltiplos tempos que caminha na contramão de uma temporalidade única e universal.

Um dos argumentos mais conhecidos de Koselleck é o de que entre meados de 1750 e 1850 – período caracterizado como *Sattel-Zeit* – houve a preparação do conceito moderno de história que, por sua vez, consolidou-se com a ascensão da burguesia. Como apresentamos anteriormente neste trabalho, Koselleck historiciza o conceito moderno de história, e compreende que a história tornou-se um *singular-coletivo*, ou seja, as múltiplas histórias (*historie*) foram subsumidas pela “história em si e para si” (*Geschichte*). Portanto, se antes o conceito de história abrigava uma pluralidade de histórias, agora, abriga apenas a história. Ademais, Koselleck demonstrou que o conceito de filosofia da história emerge do conceito moderno de história. Desse modo, o historiador alemão entende que uma teoria dos tempos históricos não pode ser analisada a partir desta filosofia da história. De acordo com o autor:

a experiência de uma história em si e para si, dotada tanto de caráter transcendente quanto transcendental, deveria nos levar a refletir melhor as premissas teóricas da nossa investigação histórica. A fim de garantirmos a unidade da história como ciência, devem ser desenvolvidas premissas teóricas que sejam capazes de trazer à luz tanto experiências passadas, completamente estranhas, como também experiências que nos são próprias. Pois o nosso campo de pesquisa não se restringe apenas àquela história que desde os tempos modernos parece ter se tornado o seu próprio objeto; ele abrange todas as histórias no plural, infinitamente diversas, que se contavam antigamente (KOSELLECK, 2006, p. 120).

É a partir desse pressuposto que Koselleck busca investigar *estruturas temporais* que possam dar conta tanto da “*história no singular*” quanto das “*histórias no plural*”.

Segundo Koselleck, para falar dos múltiplos tempos históricos devemos usar metáforas que remetem ao modelo geológico, isto é – os “*estratos de tempo*”. Portanto:

Os “estratos de tempo” também remetem a diversos planos, com durações diferentes e origens distintas, mas que, apesar disso, estão presentes e atuam simultaneamente. Graças aos “estratos de tempo” podemos reunir em um mesmo conceito a contemporaneidade do não contemporâneo, um dos fenômenos históricos mais reveladores. Muitas coisas acontecem ao mesmo tempo, emergindo, em diacronia ou sincronia, de contextos completamente heterogêneos. Em uma teoria do tempo, todos os conflitos, compromissos e formações de consenso podem ser atribuídos a tensões e rupturas – não há como escapar das metáforas espaciais – contidas em diferentes estratos de tempo e que podem ser causadas por ele (KOSELLECK, 2014, p. 9-10).

Assim sendo, Koselleck pretende desvelar múltiplas temporalidades, umas distintas das outras, que abarcam as singularidades históricas, as estruturas de repetição, bem como o fenômeno da contemporaneidade do não contemporâneo. Koselleck tenta, de certa forma, romper com a ideia linear e circular do tempo, tendo em vista que esses dois modelos são insuficientes para compreender a complexidade e a multiplicidade de temporalidades que se destoam e se inter cruzam entre si. Nesse sentido, a metáfora dos “*estratos do tempo*” busca compreender a variedade de tempos, uns sobrepostos aos outros. Portanto, os tempos devem ser tematizados por *camadas temporais*.

Segundo Koselleck, o par antitético *evento e estrutura* é adequado para esclarecer essa estratificação múltipla. Os eventos e as estruturas sociais estão interligados na realidade histórica e, portanto, possuem o mesmo estatuto ontológico (KOSELLECK, 2014, p. 304). No entanto, esse par antitético abriga diferentes extensões temporais. Nesse sentido, por mais que estruturas e eventos estejam relacionados, um não se dissolve no outro.

Portanto, comecemos pelos eventos. Para o autor, os eventos dizem respeito à experiência de contemporâneos que experimentam vários eventos singulares. Nas palavras de Koselleck: “os contemporâneos envolvidos podem experimentar diferentes eventos como correlacionados, como unidade de sentido” (KOSELLECK, 2014, p. 304). Para a formação de um evento, a cronologia é a base principal para ordenar a narrativa deste evento. Assim, o antes e o depois é o princípio fundamental pelo qual o historiador narra os eventos. De acordo com o autor:

Como sabemos, as sequências de eventos não são toalmente aleatórias. O antes e o depois, ou o cedo demais e o tarde demais, constituem sequências obrigatórias. Podemos chamá-las de estruturas diacrônicas. Elas nos permitem comparar as sequências de revoluções, guerras ou histórias constitucionais num determinado nível de abstração ou numa tipologia (KOSELLECK, 2014, p. 305).

Por sua vez, as estruturas temporais são de *longa duração*²⁸, nas quais o aspecto fundamental é a *repetição*. Não quer dizer que as estruturas não mudam, elas alteram-se, mas de forma mais lenta. Assim sendo, a cronologia é menos importante para a temporalidade de prazos mais longos. Koselleck cita alguns exemplos de estruturas, quais são: formas constitucionais, formas de domínio que não se modificam rapidamente, forças produtivas e relações de produção, que se transformam apenas na longa duração, os costumes e sistemas jurídicos, que regulam os decursos da vida em sociedade e da vida dos Estados, a longo ou médio prazo; até mesmo o próprio par antitético assimétrico amigo-inimigo, que orienta a guerra e a paz, pode ser um exemplo de estrutura (KOSELLECK, 2006, p. 136).

Por um lado, os eventos geralmente são realizados por sujeitos, de outro, as estruturas são provocadas por fenômenos supraindividuais, ou seja, por agentes coletivos. A realidade histórica é constituída pela tensão entre eventos e estruturas.

Como sabemos, a *realidade histórica* é eminentemente multifacetada e heterogênea. Desse modo, como sugere Koselleck, existem estruturas que são responsáveis por fundar eventos, bem como existem eventos que podem fornecer condições para a formação de estruturas. Ademais, Koselleck afirma que seria um erro entender que os eventos possuem um conteúdo maior de realidade que as estruturas, isto é – só porque os eventos acontecem no desenrolar concreto de um acontecimento e, posteriormente, podem ser cronologicamente narrados, não quer dizer que sejam mais reais. As estruturas sociais podem ser mais reais que os eventos dependendo da situação empírica. Portanto, os eventos e as estruturas podem ser reais e “abstratos” dependendo do objeto a ser analisado (KOSELLECK, 2006, p. 141).

Koselleck entende que tanto as filosofias especulativas da história quanto o historicismo preferem a singularidade dos eventos e, portanto, acabam negligenciando as estruturas de repetição. O problema desse determinismo pela singularidade é o de que se inibe a possibilidade de apreender com as situações do passado.

O historiador alemão faz uma reflexão interessante sobre os *estratos de tempo* dos “vencedores” e dos “vencidos” na história. Segundo o autor, a curto prazo, a história é efetuada pelos vencedores que, de certa maneira, podem sustentá-la até médio prazo. Os vencedores e os historiadores que narram suas histórias não estão preocupados com estruturas, mas sim com eventos que supostamente – graças a sua ação – possibilitaram determinada vitória. Nesse sentido, os historiadores que representam os vencedores narram os fatos com o intuito de atribuir sentidos duradouros sobre as vitórias de curto prazo, assim, eles lançam mão de uma

²⁸Koselleck baseia-se na ideia de longa duração de Fernand Braudel (2016).

teleologia da história, isto é – elaboram uma necessidade histórica a ser realizada no transcurso do tempo; como se tal necessidade fosse de antemão planejada (KOSELLECK, 2014, p. 63-64). Por sua vez, segundo Koselleck, os derrotados geralmente não se apoiam numa necessidade histórica e, portanto, sua experiência é a de que os fenômenos históricos não acontecem necessariamente como foram planejados. Para o autor:

Isso pode desencadear uma busca por razões de médio e longo prazo, que enquadrem o acaso da surpresa singular e que, talvez, o expliquem. Conhecimentos duradouros. Dotados de maior poder explicativo, nascem justamente dessas experiências singulares e impostas. A história – de curto prazo – pode ser escrita pelos vencedores, mas as aquisições de conhecimento histórico provêm – em longo prazo – dos derrotados (KOSELLECK, 2014, p. 64).

Koselleck avalia que a derrota contém um potencial enorme para a aquisição de conhecimento das experiências históricas. Então, o autor questiona: “e qual vencedor não se viu no lado derrotado em algum momento? – e que convertem em conhecimento permanente disponível a despeito de qualquer mudança de experiência” (KOSELLECK, 2014, p. 72). Tamara de Oliveira Rodrigues (2021) argumenta que Koselleck compreende os “vencidos” como responsáveis por colocar sempre em jogo as condições de possibilidade da história (RODRIGUES, 2021, p. 37). Nesse sentido, os *estratos de tempo* abrigam o par antitético “vencedores” e “vencidos” e, portanto, estes são partes constitutivas da *realidade histórica* – que possibilitam diferentes níveis de experiência, bem como de aquisição de conhecimento dessa experiência histórica.

Ademais, outro elemento interessante dos *estratos de tempo* é a possibilidade de intuir *prognóstico*²⁹. De acordo com Koselleck, é difícil que os eventos individuais possam satisfatoriamente emitir prognósticos, pois são singulares e podem efetuar omissões. No entanto, a partir das estruturas de repetição pode-se intuir as condições de possibilidade de um futuro possível – na medida em que certas estruturas se repetem (KOSELLECK, 2014, p. 307). Ainda segundo o historiador alemão, esse potencial de prognóstico depende de um padrão mínimo de repetibilidade para que possa ser estipulado. Koselleck faz uma afirmação categórica interessante sobre a questão do prognóstico³⁰ na história: “se assim não fosse, a humanidade despencaria paulatinamente em um nada sem fundo (KOSELLECK, 2014, p. 14). Nesse

²⁹ Talvez por um certo receio das filosofias especulativas da história, os historiadores não costumam tematizar sobre o futuro.

³⁰ Koselleck argumenta que existem limites no prognóstico, e tais limites se revelam logo que as antigas utopias são temporalizadas e projetadas para o futuro, pois as filosofias da história criam o contrário daquilo que, aparentemente, buscam alcançar (KOSELLECK, 2014, p. 15). Isso acontece justamente porque não são levados em consideração os múltiplos ritmos temporais das estruturas de repetição, tendo em vista que as filosofias da história preferem as singularidades históricas apontadas para um futuro determinado inexoravelmente.

sentido, a humanidade depende de um horizonte de expectativa que possa ser contemplado pelas *estruturas de repetição*, justamente para indicar alguma direção para os seres humanos, mesmo que essa direção não determine um caminho a ser percorrido de forma inexorável desembocando em um *telos*.

Sem dúvidas, uma das estruturas temporais mais mencionadas por Koselleck em seus diversos escritos, que abarca os “*estratos de tempo*”, é a *simultaneidade do não contemporâneo*³¹. Em termos de cronologia natural podemos estar em sintonia uns com os outros, mas como as temporalidades não se resumem a esta mera cronologia natural – tendo em vista que existem diferentes camadas de tempo – podemos estar fora de sintonia uns com os outros; é disso que se trata a *simultaneidade do não contemporâneo*, fenômeno este que despertava tanta perplexidade e interesse no historiador alemão. De acordo com Koselleck:

após a descoberta da forma esférica do planeta, a multiplicidade de culturas, com suas diferentes cronologias, pôde ser inserida em um eixo comum, de certa forma neutro. Deste então, os diferentes Estados e culturas podem ser medidos e comparados por meio de uma cronologia comum (KOSELLECK, 2014, p. 272).

Assim, de um lado, aquilo que pelo calendário pode ser *sincrônico*, de outro, a partir dos ritmos de desenvolvimento de uma determinada cultura, pode ser *assíncrono*. Koselleck traz alguns exemplos para elucidar a *simultaneidade do não contemporâneo*. Desse modo, segundo o autor, “ainda hoje existem tribos que acabaram de sair da idade da pedra, enquanto nações como os Estados Unidos já levam astronautas à lua” (KOSELLECK, 2014, p. 272).

Segundo Koselleck, o fenômeno da *contemporaneidade do não contemporâneo* não é algo que pode ser percebido apenas nas “sociedades modernas”, portanto, já pode ser vislumbrado nas “sociedades antigas”, “quando os helenos descobriram – a partir de sua perspectiva –, entre os bárbaros, formas de comportamento característicos de estágios culturais que eles próprios já haviam percorrido” (KOSELLECK, 2013, p. 39).

Koselleck entende que foi o imperativo do progresso – contido nas filosofias especulativas da história – o responsável por subsumir essas diferenças temporais, isto é – a *contemporaneidade do não contemporâneo* em um conceito único e universal de tempo. Assim, podemos entender que as filosofias do progresso são, em certa medida, autoritárias, pois tentam uniformizar as múltiplas temporalidades – de diferentes culturas – em um mesmo conceito abstrato de história. Portanto, se existem múltiplas variedades temporais na *realidade histórica*, cabe aos historiadores pesquisá-las em suas respectivas especificidades temporais. Ankersmit

³¹ Em determinados ensaios de Koselleck, essas estruturas temporais aparecem denominadas como *contemporaneidade do não contemporâneo*.

(2021) afirma que “It would be no exaggeration to say that, for Koselleck, historical writing is, basically, the research of all the temporal tensions provoked by the “simultaneousness of the nonsimultaneous” (ANKERSMIT, 2021, p. 44)³².

Ademais, Koselleck com os seus “*estratos de tempo*” desafia constantemente a ideia de periodização histórica, este é o argumento de Helge Jordheim (2012). Nesse sentido, o autor não refuta a existência de uma ideia de periodização no pensamento de Koselleck, todavia, considera que tal periodização é muito superficial perto de sua teoria das múltiplas camadas de tempo, que trabalha com diversas temporalidades sobrepostas umas às outras, isto é – estruturas e camadas temporais que tematizam a *contemporaneidade do não contemporâneo*. Nesse sentido, a ontologia histórica das temporalidades é muito mais complexa que a mera periodização histórica.

Novamente, a teoria do conflito aparece na ontologia histórica das temporalidades de Koselleck. Os embates sociais são responsáveis por colocar a história em movimento, portanto, para o autor “todo processo histórico só avança enquanto os conflitos nele contidos não têm solução” (KOSELLECK, 2014, p. 285). Assim sendo, as temporalidades da história são constituídas por tensões, que dificilmente chegam a uma síntese harmônica. Koselleck faz uma crítica à historiografia que, de certa maneira, processa os conflitos introduzindo os rivais como uma espécie de sujeitos fixos.

Koselleck, nesse sentido, não poupa críticas ao conceito de sujeito histórico típico do historicismo e das filosofias especulativas da história. Para o historiador alemão:

o sujeito histórico é uma grandeza quase inexplicável: basta pensar em personalidades famosas ou no povo – tão vago quando a classe –, na economia, no Estado, na igreja e em outras abstrações ou poderes. Talvez só psicologicamente consigamos entender como é possível falar “forças agentes” e reduzi-las a sujeitos. Quando dirigimos a pergunta temporal a esses sujeitos, eles logo se dissolvem, assim descobrimos que o contexto intersubjetivo é o verdadeiro tema da pesquisa histórica (KOSELLECK, 2014, p. 285).

Koselleck se mostra contrário à tematização da historiografia por “forças históricas” individuais que supostamente realizariam a história. Ao contrário desse pressuposto, o autor compreende que são os fenômenos coletivos que são relevantes para a escrita da história. Portanto, a história sempre engloba múltiplas temporalidades, múltiplas tensões, aludindo à *contemporaneidade do não contemporâneo* – que jamais se esgota na ação de apenas um ente histórico.

³² Não seria exagero dizer que, para Koselleck, a escrita histórica é, basicamente, a pesquisa de todas as tensões temporais provocadas “pela simultaneidade do não simultâneo”. (Tradução nossa).

Aqui, podemos fazer uma aproximação interessante da ontológica histórica das temporalidades de Koselleck com o método genealógico de Michel Foucault. O filósofo francês também se mostrou crítico às filosofias da história que reduziram a historicidade a um sujeito histórico abstrato. Para Foucault, o grande problema da ideia de sujeito é que este ente se coloca como unidade absoluta na história, uma espécie de sujeito dotado de razão capaz de guiar teleologicamente a história para algum fim por intermédio do progresso histórico. Assim, todas as diferenças temporais acabam por ser subsumidas em um imperativo absoluto em nome do progresso contínuo. Segundo Foucault (2008):

A história contínua é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito: a garantia de que tudo que lhe escapou poderá ser devolvido; a certeza de que o tempo nada dispersará sem reconstituí-lo em uma unidade recomposta; a promessa de que o sujeito poderá, um dia - sob a forma da consciência histórica -, se apropriar, novamente, de todas essas coisas mantidas a distância pela diferença, restaurar seu domínio sobre elas e encontrar o que se pode chamar sua morada. Fazer da análise histórica o discurso do contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo o devir e de toda prática são as duas faces de um mesmo sistema de pensamento. O tempo é aí concebido em termos de totalização, onde as revoluções jamais passam de tomadas de consciência (FOUCAULT, 2008, p. 14).

Ademais, Koselleck argumenta que é insustentável a historiografia trabalhar com sequências causais individuais, pois essas não dão conta da complexidade dos diferentes tempos históricos coletivos. Assim, para o autor:

Uma vez abordadas as diferenças temporais no texto intersubjetivo, torna-se difícil sustentar a suposta cientificidade de sequências causais, através das quais costumamos trilhar nosso caminho de volta ao passado para, finalmente, nos depararmos com a absurdidade das perguntas lineares sobre as origens (KOSELLECK, 2014, p. 286).

Desse modo, Koselleck afasta-se do mito das origens, onde os historiadores supostamente encontrariam a essência dos acontecimentos históricos na “origem de tudo”. Para Koselleck, a ideia da busca pelas origens é derivada da reminiscência secularizada da doutrina cristã da criação, que ainda está presente no inconsciente das pessoas.

Seguindo passos parecidos aos de Koselleck, Foucault, a partir da genealogia de Nietzsche, também critica a ideia de os historiadores buscarem origens e causas primeiras nos acontecimentos históricos. Portanto, para Foucault, buscar as origens históricas é algo impossível em termos de historicidade. Nesse sentido:

Por que Nietzsche genealogista recusa, pelo menos em certas ocasiões, a pesquisa da origem (*Ursprung*)? Porque, primeiramente, trata-se nesse caso de um esforço para nela captar a essência exata da coisa, sua mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente guardada em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo o que é

externo, acidental e sucessivo. Procurar tal origem é tentar recolher o que era “antes”, o “aquilo mesmo” de uma imagem exatamente adequada a si; é tomar como acidentais todas as peripécias que puderam ocorrer, todas as artimanhas, todos os disfarces; é querer tirar todas as máscaras para finalmente desvelar uma identidade primeira. Ora, se o genealogista tem o cuidado de escutar a história em vez de crer na metafísica, o que ele aprende? Que por trás das coisas há “algo completamente diferente”: não absolutamente seu segredo essencial e sem data, mas o segredo de que elas são sem essência ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas (FOUCAULT, 2008, p. 262).

Assim, tanto Koselleck quanto Foucault fazem uma denúncia às filosofias especulativas da história que reduzem a historicidade a um sujeito. Os dois autores tentam pensar a multiplicidade de tempos, as diferenças, os acidentes históricos, as tensões e rupturas que acontecem no processo histórico, este que não é linear, contínuo e progressivo, pelo contrário, é acidental e multifacetado. Contudo, a aproximação entre Koselleck e Foucault fica mais restrita no que tange à crítica sobre as filosofias da história. Foucault – com sua genealogia – parece rejeitar de forma mais avassaladora os conceitos da cultura ocidental. Por outro lado, Koselleck é mais cauteloso, tendo em vista que ele mobiliza estruturas formais para pensar as múltiplas temporalidades. Portanto, a ontologia histórica das temporalidades de Koselleck configura-se como uma espécie horizonte aberto que acolhe a pluralidade de histórias que se encontram no mundo.

Assim como fizemos na seção anterior do trabalho, inferimos algumas reivindicações acerca da ontologia histórica das temporalidades de Koselleck, tendo em vista que acabamos de abordar tal assunto.

1) A ontologia histórica das temporalidades koselleckiana busca pensar a pluralidade dos tempos históricos e, portanto, se opõe ao tempo do progresso que, de certa maneira, foi responsável por encobrir as múltiplas histórias;

2) A perspectiva da ontologia histórica das temporalidades busca contestar o determinismo pelas singularidades dos eventos que aparecem tanto no historicismo quanto nas filosofias especulativas da história. A ontologia de temporal do autor pensa a diversidade dos estratos de tempo que abarcam não somente as singularidades, mas também as *estruturas de repetição*, a possibilidade de *prognóstico*, bem como a *contemporaneidade do não contemporâneo*;

3) O relativismo e o utopismo são fenômenos que a ontologia histórica das temporalidades de Koselleck busca superar, principalmente por meio de uma teoria dos tempos históricos. Por um lado, a pluralidade das histórias impossibilita uma visão utópica da história, de outro, o privilégio que Koselleck confere aos fenômenos históricos intersubjetivos lança mão de um argumento consistente contra o relativismo que privilegia os fatores subjetivos da história;

4) A ontologia histórica das temporalidades de Koselleck carrega a qualidade de uma ontologia negativa da história, pois são as tensões históricas que geram os conflitos que, por sua vez, são responsáveis por provocar o movimento histórico;

5) Koselleck, ao considerar as *estruturas de repetição* na história, recoloca a possibilidade de aprender com as situações do passado, estas que foram impossibilitadas pelo conceito moderno de história;

6) A ontologia histórica das temporalidades coloca a possibilidade de *prognóstico* na história, todavia, não por meio de uma teleologia histórica, mas sim por intermédio das *estruturas de repetição*, que ajudam os seres humanos em suas respectivas orientações no mundo;

7) Por um lado, a perspectiva da ontologia da história em Koselleck se aproxima das filosofias da diferença – como a genealogia de Foucault –, no sentido de pensar a pluralidade dos tempos históricos, dos contextos heterogêneos, de outro, se afasta, pois a ontologia Koselleckiana também se apoia em estruturas formalizadas de tempo, isto é – as *singularidades históricas*, as *estruturas de repetição*, bem como a *simultaneidade do não contemporâneo*. Podemos dizer que, para Koselleck, a *realidade histórica* é constituída pelas *singularidades (dever)* e pelas *estruturas de repetição (ser)*;

8) As *estruturas temporais* de Koselleck não são a realidade empírica enquanto tal, pelo contrário, elas se equivalem a embasamentos *heurísticos* para a descoberta das histórias concretas.

5.4 REALIDADE HISTÓRICA, LINGUAGEM E CAMADAS PRÉ-LINGUÍSTICAS

A perspectiva *ontológica da história* de Reinhart Koselleck também perpassa pela discussão entre *realidade histórica, linguagem e camadas pré-linguísticas*, tendo em vista que a questão ontológica também diz respeito ao clássico problema filosófico entre linguagem e mundo. O fio condutor para compreender essa questão é por meio da análise da história conceitual³³ do historiador alemão.

Koselleck – em um primeiro momento – tenta relacionar a história dos conceitos com a história social. Para o autor, trata-se de uma leitura superficial e simplista interpretar que, por um lado, a história dos conceitos trata de textos e vocabulários, enquanto de outro, a história social se utiliza desses textos para desvendar fatos concretos que não estão presentes no mundo linguístico. Nesse sentido, Koselleck argumenta que a história dos conceitos não é “materialista” e, tampouco, “idealista”, pois – a história conceitual trabalha tanto as experiências e elementos concretos que são capturados conceitualmente, quanto o modo que estas experiências são conceitualizadas (KOSELLECK, 2020, p. 107). De acordo com Koselleck:

sem conceitos comuns não pode haver uma sociedade e, sobretudo, não pode haver unidade de ação política. Por outro lado, os conceitos fundamentam-se em sistemas político-sociais que são, de longe, mais complexos do que faz supor sua compreensão como comunidades linguísticas organizadas sob determinados conceitos-chave (KOSELLECK, 2006, p. 98).

Desse modo, Koselleck assume que tanto *sociedade* quanto *linguagem* são condições meta-históricas e, portanto, nem a história como acontecer, nem a história enquanto historiografia não seriam concebíveis sem essas duas esferas da vida. Para Koselleck, então, *sociedade* e *linguagem* tem uma dimensão ontológica, pois são constitutivas de quaisquer histórias possíveis. Como qualquer elaboração do conhecimento histórico precisa levar em consideração sociedade e linguagem, existe o risco da tentativa de elaborar uma história total. No entanto, por mais que Koselleck entenda que *sociedade* e *linguagem* possuam o mesmo status ontológico, ou seja, ambas integram a realidade, elas não se coincidem totalmente, segundo o autor. Portanto, esta é uma premissa básica: “o *totum* de uma história da sociedade e o *totum* de uma história da linguagem nunca coincidem integralmente” (KOSELLECK, 2020,

³³ Cabe dizer que não temos a pretensão de fazer uma análise aprofundada da história dos conceitos de Koselleck. Nossa pretensão é a de mostrar que a perspectiva ontológica da história de Koselleck também está relacionada à discussão sobre *realidade histórica, linguagem e camadas pré-linguísticas*. É por este motivo, então, que recorreremos à história dos conceitos do historiador alemão.

p. 19). Nesse sentido, a história dos conceitos de Koselleck, portanto, busca afastar-se das pretensões de compreender a história de uma forma totalizante e absoluta – tal qual as filosofias especulativas da história pretendiam. Assim, para Koselleck, existe sempre uma tensão entre *realidade histórica e linguagem*; relações sociais e seus conflitos nunca coincidem com o ato linguístico (KOSELLECK, 2020, p. 20). O historiador alemão traz alguns exemplos acerca da assimetria entre acontecimento e sua viabilização linguística; um deles é a ordem de Hitler para invadir a Polônia. Todavia, a invasão dos nazistas sobre a Polônia não se restringe a um ato de fala, pois enunciar a invasão não é o mesmo que o ato em si de invadir (KOSELLECK, 2020, p. 21). Nesse sentido, segundo Koselleck, por mais que toda fala seja um ato, nem toda ação é um ato de fala.

Para Koselleck, os eventos não se tornam possíveis apenas pelo ato linguístico, pois sempre existe um terreno para além da língua. Por isso, o autor sugere outros condicionantes para a possibilidade de realização dos eventos. Por exemplo, a semiótica, os rituais mágicos, os gestos corporais, onde a linguagem se comunica apenas de modo cifrado (KOSELLECK, 2020, p. 21-22).

Não é sem razão que Koselleck considerou os sonhos como fonte histórica, algo impensável para muitos historiadores. Todavia, o historiador alemão demonstrou que os sonhos são capazes de captar parte da experiência histórica. A partir de um conjunto de sonhos ³⁴ de pessoas que vivenciaram o período do Terceiro Reich, editada por Charlotte Beradt, Koselleck tenta pensar como a ontologia onírica constituía um prognóstico do terror que viria a ser provocado pelos nazistas. De acordo com Koselleck (2006):

As duas histórias reproduzem uma experiência que penetrou profundamente nas pessoas; contêm uma verdade interior que se realizou no Terceiro Reich e, mais do que isso, foi desmedidamente superada. Essas histórias sonhadas não só testemunham o terror e suas vítimas; hoje podemos dizer que elas constituíam um presságio (KOSELLECK, 2006, p. 252).

Para Koselleck, os sonhos congregam tanto elementos factuais quanto ficcionais, podendo testemunhar a facticidade do fictício. Assim, os textos ficcionais podem ser utilizados como fontes para o testemunho da facticidade. Desse modo:

Os sonhos descritos no início são mais do que um testemunho ficcional do terror e sobre o terror. Embora só possam ser apreendidos como texto narrativo, são histórias pré-linguísticas ocorridas nas e com as pessoas afetadas. São formas do terror que se manifestaram corporalmente, sem que as testemunhas necessariamente tivessem que ser vítimas e violência física. Em outras palavras, precisamente como ficção eles

³⁴ Para ter acesso aos sonhos mencionados, ver Koselleck (, 2006, p. 252).

foram um elemento da realidade histórica. Os sonhos não mostram apenas as condições que os tornaram possíveis — possíveis como ficção os próprios sonhos são formas de realização do terror (KOSELLECK, 2006, p. 254).

Portanto, Koselleck entende que os sonhos se configuram como uma espécie de experiência *pré-linguística*, onde os gestos corporais capturam parte da *realidade histórica*, neste caso, a manifestação do terror. Nesse sentido, antes mesmo que os sonhos fossem estruturados em uma narrativa, eles se efeturaram no espaço interno dos que sonhavam, ou seja, no âmbito *extralinguístico*. Os sonhos possibilitaram camadas temporais que não chegaram nas anotações dos diários (KOSELLECK, 2021, p. 116).

Koselleck elabora uma tese interessante acerca da tensão entre *realidade histórica* e *linguagem*. Para o historiador alemão:

Podemos de aí derivar que nenhuma articulação verbal, seja qual for seu modo e seu nível, alcança o que realmente se consuma na história. A história, como efeito, nunca se consuma sem a linguagem, mas, ao mesmo tempo, ela é sempre, para mais ou para menos, diversa da linguagem (KOSELLECK, 2021, p. 121).

Assim sendo, a *realidade histórica* sempre é formada por elementos linguísticos, mas como Koselleck alerta, tal *realidade histórica* sempre se apresenta para mais ou para menos, distinta da *linguagem*. Não é sem sentido, pelo qual afirma Certeau (2010, p. 17), que o trabalho da historiografia é um “trabalho da morte e um trabalho contra a morte”, ou seja, o historiador sempre tentar grafar os acontecimentos históricos visando reconstruir o passado num saber, todavia, como os fenômenos históricos se encontram no *devenir*, tais acontecimentos escapam facilmente da narrativa do historiador. Portanto, Certeau (2010, p. 17), referindo-se à escrita da história, a conceitua como: “estranho procedimento que apresenta a morte como corte sempre repetido no discurso e que nega a perda fingindo no presente o privilégio de recapitular o passado num saber”.

Sabendo, então, que a *realidade histórica* nunca se coincide com a *linguagem*, o historiador deve, em seu ofício, levar em consideração as camadas *pré-verbais*, que também fazem parte da *realidade histórica*. Portanto, o historiador sempre depende de recursos ficcionais para a elaboração do conhecimento histórico. Desse modo, é justo que a ciência da história agradeça ao socorro que recebe da literatura e dos seus elementos ficcionais (KOSELLECK, 2021, p. 129). Como a historiografia, retomando Certeau (2010), é um “trabalho da morte e um trabalho contra a morte” (CARTEAU, 2010, p. 17), as camadas *pré-verbais* ajudam a captar reviver parcialmente os fenômenos históricos que prefiguram uma escrita da história.

Todavia, Koselleck compreende que podemos apenas separar de modo analítico as dimensões *pré-linguísticas* e *linguísticas* no contexto concreto das ações geradoras de eventos. Segundo o autor, “a linguagem falada, o texto lido e o discurso efetivo – ou ignorado – se entrecruzam no processo de realização do acontecer e geram o evento, que sempre é composto de elementos extralinguísticos e linguísticos de natureza ativa e passiva (KOSELLECK, 2020, p. 22).

Como vimos anteriormente, os elementos *pré-verbais* são fundamentais para as condições de possibilidade da história. No entanto, a *linguagem* também possui um papel importante na constituição do acontecer histórico. O historiador alemão atribui a importância da *linguagem* principalmente ao quesito da representação dos fenômenos históricos. Para o autor:

Mesmo quando a linguagem possa ter sido – parcialmente – apenas um fator secundário na efetivação daquilo que fazemos ou sofremos, tão logo um acontecimento se torna parte do passado, a linguagem se converte no fator primário, sem o qual nenhuma lembrança e nenhuma transposição científica dessa lembrança seriam possíveis (KOSELLECK, 2020, p. 24).

Nesse sentido, a *linguagem* possui um status *epistemológico*, devido à sua importância e primazia na representação da *realidade histórica*. Assim, de acordo com Koselleck, a linguagem sempre precisa se posicionar sobre a própria relação entre *ação* e *linguagem*, tendo em vista que ela serve de mediadora entre textos e acontecimentos históricos (KOSELLECK, 2020, p. 26). Todavia, para Koselleck, a *linguagem* tem uma dupla função. Por um lado, ela produz ações, de outro, ela auxilia na compreensão destas ações. A história, então, não pode ser pensada sem os recursos linguísticos, porém, cabe lembrar o alerta feito por Koselleck, de que a *linguagem* nunca coincide integralmente com a *realidade histórica*.

Para compreender melhor a relação entre *realidade histórica*, *linguagem* e *camadas pré-linguísticas*, iremos recorrer às reflexões de Koselleck sobre a semântica histórico-política dos conceitos antitéticos assimétricos. O historiador alemão pensa alguns conceitos assimétricos que produzem uma série de exclusões, quais são: *helenos e bárbaros*, *cristãos e pagãos*, *homem e não homem*. Todos esses conceitos são exemplos históricos de um conceito com amplitude maior, ou seja, o conceito de “*amigo e inimigo*”. Para Koselleck, “uma unidade de ação política e social só se constitui por meio de conceitos pelos quais ela se delimita, excluindo outras, de modo a determinar a si mesma” (KOSELLECK, 2006, p. 192). Koselleck usa um exemplo cotidiano para explicar os conceitos assimétricos. Segundo o autor, existe uma diferença ao

designar funções, quando se fala de “empregador” e de “empregado”, ou se o primeiro é chamado de “explorador” e o outro de “material humano” (KOSELLECK, 2006, 191).

Desse modo, isso que Koselleck define como a semântica histórico-política não é apenas uma atribuição de significado, ou seja, é atribuído um significado a uma determinada palavra e, por sua vez, esse significado vai depender daquilo que o sujeito quer dizer com ele. Pelo contrário, para Koselleck, a semântica histórico-política sempre vai ser dependente das relações de força que se encontram no mundo, de embates e conflitos que implicam uma série de exclusões, assimetrias, que produzem os mais variados tipos de violência física e simbólica. Em outras palavras, quando algo é nomeado, o ato de nomear traz uma implicação que não é simplesmente algo da ordem do discurso, ao contrário, sempre implica formas de ações políticas concretas.

No entanto, segundo Koselleck, a *linguagem* é uma condição necessária, contudo, não suficiente para ir à batalha contra um inimigo. Nesse sentido, existem elementos e fatores econômicos, sociais, religiosos, culturais, geográficos e políticos que auxiliam na produção de inimizades. Esses fatores citados são de natureza *pré-linguística*, por mais que possamos usar a linguagem para nomeá-los (KOSELLECK, 2020, p. 286 -287).

O primeiro par conceitual “*helenos e bárbaros*” trata das exclusões espaciais de determinados grupos. De acordo com Koselleck, o termo bárbaro é uma atribuição territorializada e pejorativa da determinação do estrangeiro. Assim, aqueles que não eram considerados helenos eram bárbaros, estes últimos eram caracterizados como selvagens, incivilizados e incapazes ter uma constituição. Ademais, aqueles que não viviam na *polis* eram considerados inferiores e, conseqüentemente, inimigos. Koselleck atenta para as estruturas de repetição desses conceitos. Segundo o autor:

Aquilo que, de forma singular, forjou historicamente (*historisch*) a experiência pode se repetir estruturalmente inúmeras vezes. Novos nomes ocupam a oposição semântica entre gregos e bárbaros – os bárbaros permanecem. A estrutura dos contraconceitos é passível de transposição e aplicável à limitada lista de epítetos reservados aos bárbaros que, de tempos em tempos, se aproximam, sejam eles normandos, húngaros, tártaros, turcos, índios, russos ou alemães. Uma vez que existem caricaturas, os traços estereotipados se repetem, são usados pelos dois lados e se inserem no reduzido espectro das possíveis variantes (KOSELLECK, 2020, p. 288).

De acordo com o historiador alemão, os conceitos assimétricos se intensificam a partir da introdução do cristianismo. Nesse sentido, novas experiências – antes não experimentadas – são introduzidas no conceito de inimigo. Desse modo, o conceito de “*cristão e pagão*” é possibilitado. Assim, todos aqueles que ainda não foram convertidos, bem como aqueles que

não podem ser convertidos ao cristianismo são excluídos de uma forma mais radical do que o conceito anterior de inimigo territorializado, ou seja, o bárbaro. Nessa nova situação histórica, o inimigo excluído religiosamente é espiritualizado. Portanto, o inimigo pagão torna-se culpado do seu próprio extermínio. Ademais, o ato de matar pagãos e hereges não era algo apenas legítimo, mas algo fundamental em nome de Deus e da salvação da cristandade (KOSELLECK, 2020, p. 289).

Se o conceito de “*cristão e pagão*” já gerava uma forte assimetria, com a chegada da modernidade, um novo conceito de inimigo possibilitou uma assimetria ainda mais potente, trata-se dos conceitos de “*homem e não homem*”. Antes, por exemplo, por mais que os bárbaros eram considerados inferiores, eles ainda eram percebidos como humanos. Agora, na modernidade, o inimigo do ser humano não é mais outro ser humano, mas um ser inumano. O conceito de humanidade torna-se tão abstrato que pode ser preenchido de forma ideológica de inúmeras maneiras, segundo as quais todo aquele grupo que se identifica como humano pode classificar o outro como inumano, portanto, este outro sendo passível de exterminação (KOSELLECK, 2020, p. 289-290).

Koselleck faz um alerta importante: argumenta que nem toda e qualquer língua contém alguma determinação de inimigo. Segundo o autor, para transformar uma língua como tal em critério de inimizade, é preciso formar uma vontade política. Por sua vez, a vontade política também tem implicações *extralinguísticas*, ou seja, elementos econômicos, religiosos, sociais, etc. (KOSELLECK, 2020, p. 292). De acordo com o autor, na grande maioria das vezes, a *realidade histórica* foi diferente, até mesmo pior do que a semântica dos conceitos de inimigo pode sugerir. Por exemplo, a experiência da morte em uma câmara de gás foge a qualquer tipo de linguagem e conceitualização.

Segundo Koselleck, os conceitos assimétricos podem ser evocados ao longo da história, de modo que as estruturas de todos os conceitos possam atuar de maneira simultânea. Até mesmo a *contemporaneidade do não contemporâneo* pode estar contida em um único par de conceitos, uma vez que nele podem atuar diferentes estratos temporais da experiência histórica (KOSELLECK, 2006, p. 196).

A semântica histórico-política dos conceitos antitéticos assimétricos ajuda a entender a forma que Koselleck enxerga e compreende a história e suas condições de possibilidade. Assim, para Koselleck, “enquanto as unidades humanas de ação continuarem a excluir-se e a limitar-se umas às outras, existirão conceitos opostos assimétricos e técnicas de negação, que irão interferir nos conflitos até que novos conflitos venham a surgir” (KOSELLECK, 2006, p. 231). Mais uma vez, podemos perceber que Koselleck elabora uma espécie de *ontologia do conflito*

histórico, segundo a qual o movimento histórico é possibilitado pelas tensões e contradições históricas, que jamais se fecham em uma síntese. Desse modo, a história, portanto, jamais chegaria ao fim. Assim sendo, o *devir* é fundamental na *ontologia histórica* elaborada pelo historiador alemão.

A *ontologia da história* de Koselleck, então, também perpassa pela discussão entre *realidade histórica*, *linguagem* e *camadas pré-linguísticas*. Podemos perceber que, para o historiador alemão, a *linguagem* sempre está em constante tensão com a *realidade histórica*. Sempre há uma diferença entre estado de coisas e conceitos linguísticos. Para o autor, “linguisticamente, sempre expressamos mais ou menos do que aquilo que estava ou está contido na história real. A história sempre contém mais ou menos do que aquilo que pode ser expresso linguisticamente” (KOSELLECK, 2020, p. 77). Portanto, a *realidade histórica* nunca se sintoniza de forma absoluta com a *linguagem*. Se a *linguagem* tivesse uma total congruência com a *realidade histórica*, poderíamos deduzir o processo histórico de forma totalizante, tal como pretendiam as filosofias especulativas da história.

É por esse motivo que, embora Koselleck reconheça a *linguagem* como uma categoria meta-história, ele preferiu não a adicionar como sexta determinação existencial. O historiador alemão entende que a história dos conceitos, bem como a hermenêutica, são importantes para a narrativa histórica, porém, como lembra Koselleck, a história não é feita apenas de textos, ela também é constituída por elementos *pré-linguísticos*. Nesse sentido, Koselleck entende que existem processos históricos que escapam a qualquer compensação ou interpretação linguística. Esse é o âmbito que caracteriza a teoria da história. Ou seja, é função da teoria da história desvelar as estruturas de historicidade que antecedem o ato linguístico. Para Koselleck (2014):

Ao indagar as condições de possibilidade da história, a teoria da história remete a decurso de longo prazo que não estão contidos nos textos como tais; antes, suscitam a produção de textos. Ela remete a conflitos, rupturas, descontinuidades, a modos elementares de comportamento que neutralizam reciprocamente (KOSELLECK, 2014, p. 108).

Nesse espaço, faremos algumas reivindicações acerca da discussão ontológica realizada por Koselleck sobre a *realidade histórica*, da *linguagem* e das *camadas pré-linguísticas*.

- 1) Koselleck compreende que tanto a *linguagem* como as *camadas pré-linguísticas* são constitutivas das condições de possibilidade das histórias. No entanto, o historiador alemão conferiu, de certa maneira, um peso maior para as *camadas pré-linguísticas*;
- 2) Para Koselleck, *linguagem* e *realidade histórica* não se conciliam de forma absoluta;

3) A *linguagem* tem duas funções, segundo o historiador alemão. De um lado, ela ajuda na produção de ações, de outro, ela auxilia na compreensão destas ações. Portanto, a *linguagem* também tem um status *epistemológico*;

4) Sempre existe um mundo histórico que está para além da *linguagem* e, portanto, para Koselleck, é função da teoria da história desvelar este mundo *extralinguístico*;

5) O historiador alemão considerou os sonhos – da época do Terceiro Reich – como camadas *pré-verbais* que foram capazes de captar parte da experiência histórica do horror;

6) Ao conceber os sonhos como um terreno que congrega tanto elementos factuais quanto ficcionais, Koselleck reconhece a importância da literatura e dos seus recursos ficcionais para ajudar a historiografia na apreensão da *realidade histórica*;

7) A história dos conceitos, bem como a hermenêutica, são uma espécie de ciências auxiliares para a teoria da história;

8) Na discussão entre *realidade histórica*, *linguagem* e *camadas pré-linguísticas*, novamente podemos perceber a *ontologia do conflito histórico* em Koselleck. A dinâmica da história, para o historiador alemão, funciona a partir das contradições históricas, das unidades de ação que, por sua vez, implica diversas exclusões recíprocas, onde novos conflitos sempre emergem do processo histórico contraditório. Desse modo, o movimento histórico é possibilitado pelas tensões da história.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, vimos que Koselleck elaborou as suas reflexões a partir da intelectualidade do *Pós-guerra*. Mais do que isso, o autor experienciou o *front*. Assim sendo, podemos dizer que Koselleck é um historiador cuja experiência de vida está profundamente entrelaçada com suas reflexões intelectuais. O historiador alemão experienciou e refletiu a crise, a incerteza, o conflito que, de certa maneira, marcaram o século XX. Desse modo, o historiador alemão vivenciou o ápice do triunfo do *devoir*, ou seja, um período histórico cujos alicerces mais sólidos da vida foram dissolvidos (BAUMER, 1977; OLSEN, 2012).

Percebemos que, ao longo de sua obra, Koselleck realizou fortes críticas às filosofias especulativas da história, principalmente por estas filosofias atribuírem um sentido histórico totalizante sobre os fenômenos históricos. Ademais, as filosofias especulativas da história subsumiram as múltiplas temporalidades a um conceito abstrato de história, ou seja, o imperativo do progresso – a ideia de que a história caminha inexoravelmente para o melhor. Na contramão das filosofias especulativas da história, Koselleck elaborou – a partir do diálogo com a ontologia hermenêutica – uma *ontologia da história*, que busca pensar a multiplicidade das temporalidades. Por sua vez, essas múltiplas temporalidades resultam das contradições, das assimetrias e das tensões históricas, onde jamais a história terminaria de forma harmônica. Nesse sentido, a ontologia de Koselleck configura-se como uma espécie de *ontologia do conflito histórico*.

A partir da apropriação crítica de Koselleck sobre a ontologia hermenêutica, percebemos que o autor elaborou uma teoria da história com base ontológica *pré-linguística*, com o intuito de estabelecer, na história, um âmbito *extralinguístico*. De certa forma, Koselleck procurou afastar-se de correntes teóricas e historiográficas muito textualistas advindas das *Viradas Linguísticas* – especialmente a hermenêutica mais textualista. No entanto, a relação de Koselleck com a hermenêutica é sempre aporética como demonstramos neste trabalho. Por um lado, Koselleck incorpora elementos da hermenêutica, de outro, ele pretende afastar-se de proposições mais textualistas.

A ontologia koselleckiana pretende livrar a teoria da história de qualquer aproximação com o relativismo ligado ao historicismo, tendo em vista que, constantemente, Koselleck realça a importância dos fenômenos históricos intersubjetivos, em detrimento dos fatores subjetivos da história.

O historiador alemão – com seu objetivo de dar uma resposta alternativa às filosofias especulativas da história – tentou substituir estas filosofias por uma *ontologia da história*. Neste

trabalho, verificamos que o autor elabora categorias ontológicas universais da experiência histórica. Portanto, existe uma aporia no pensamento de Koselleck, pois ao tentar combater as filosofias universais da história com categorias históricas universais, Koselleck permanece com uma visão *holista* da história.

Assim sendo, Koselleck – ao criticar as filosofias especulativas da história – não abandonou, de forma alguma, a reflexão filosófica sobre a história, pelo contrário, sua apropriação crítica da filosofia de Gadamer e de Heidegger o fez elaborar uma *ontologia da história*. Todavia, a reflexão filosófica sobre a história, feita por Koselleck, é no sentido de pensar as condições de possibilidade da história, ou seja, indagar o que torna a história possível. Portanto, Koselleck não pretende pensar uma grande narrativa totalizante sobre o processo histórico, tendo em vista que a sua *ontologia da história* remete a estruturas de historicidade que colocam a história em movimento, mas sem determinar o conteúdo ou a direção desses movimentos.

Ademais, também foi visto que Koselleck considera tanto a linguagem quanto as camadas *pré-verbais* como sendo constitutivas das condições de possibilidade da história. Entretanto, o autor infere um peso maior nas camadas *extralinguísticas* da história.

Portanto, a partir das seguintes obras-fonte: *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês* (1999); *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos* (2006); *O conceito de história* (2013); *Estratos do tempo: estudos sobre a história* (2014); *História de conceitos* (2020) e *Reinhart Koselleck: uma latente filosofia do tempo* (2021), tentamos analisar a perspectiva *ontológica da história* em Reinhart Koselleck, perpassando pela biografia do autor, pelas suas críticas às filosofias especulativas da história – até a elaboração de sua *ontologia da história*.

Por mais que Koselleck não tenha escrito um texto específico destinado à questão da *ontologia da história*, conseguimos perceber que a reflexão ontológica é uma preocupação que perpassa permanentemente os ensaios do autor. Nesse sentido, a partir da revisão bibliográfica e do cruzamento das obras do historiador alemão, pode-se perceber que há *uma ontologia da história* nas reflexões teóricas, historiográficas e filosóficas realizadas por Reinhart Koselleck.

Desse modo, espera-se que este trabalho tenha possibilitado novas interpretações e novas possibilidades reflexivas sobre Reinhart Koselleck, que é um autor tão caro para a teoria da história e para a história da historiografia.

Por fim, intentamos trazer mais discussões ontológicas para a teoria da história e para a história da historiografia, tendo em vista que, na maioria das vezes, reinam questões epistemológicas. As reflexões epistemológicas são tão importantes quantos as discussões

ontológicas para a teoria da história e para a história da historiografia. Todavia, as questões ontológicas ficam subordinadas à epistemologia. Nesse sentido, considerando a premissa de Valdei Lopes Araújo (2013), os elementos prefigurativos que possibilitam a escrita da história também são ontológico-existenciais.

REFERÊNCIAS

Obras-fonte

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise. Uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1999.

_____. **Estratos do Tempo. Estudos Sobre História**. 1 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

_____. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2006.

_____. **História de Conceitos**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2020.

_____, MEIER, Christian; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. **O Conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____, GUMBRECHT, Hans Ulrich; RODRIGUES, Thamara de Oliveira (org.). **Uma latente filosofia do tempo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

Bibliografia

ALBERTI, Verena. “A existência da história: revelações e riscos da hermenêutica”. **Estudos Históricos - Historiografia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 31-58, 1996.

ANKERSMIT, Frank R., Koselleck on “histories” versus “history”; or, historical ontology versus historical epistemology. **History and Theory**, v. 60, n.4, p. 36-58, 2021.
<https://doi.org/10.1111/hith.12235>

ARMANI, Carlos. **A ontologia fundamental de Martin Heidegger e a questão da temporalidade da história**. In: GAUER, Ruth (org.). **Tempo e Historicidades**. 1 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 49-61

_____. A história intelectual e a virada ontológica na antropologia. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 20, n. 1, p. 36 - 52, 14 dez. 2019.

BAUMER, Franklin. **O pensamento europeu moderno**. Lisboa: 70 ed., 1990.

BENTIVOGLIO, Julio. A história conceitual de Reinhart Koselleck. **Dimensões**, v. 24, p. 114-134, 2010. <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2526/2022>

BOUTON, Christophe. The critical theory of history: Rethinking the philosophy of history in the light of Koselleck's work. **History and Theory**, v. 55, n. 2, p. 163-184, 2016.
<https://doi.org/10.1111/hith.10795>

CARR, David. **Narrativa e mundo real: um argumento a favor da continuidade**. In:

MALERBA, Jurandir (org.). **História & narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 229-247.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DE ARAUJO, Valdeci Lopes. História da historiografia como analítica da historicidade.

História da Historiografia: International Journal of Theory and History of

Historiography, Ouro Preto, v. 6, n. 12, p. 34-44, 2013.

<https://doi.org/10.15848/hh.v0i12.620>

DE SOUSA, Francisco Gouveia. Por que não sou sábio? Um comentário sobre a resposta de Hans Georg Gadamer ao elogio de Reinhart Koselleck. **Revista de Teoria da História: Journal of theory of history**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 246-266, 2017.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad.: Mirian Chnaiderman e Renato Ribeiro, São Paulo: Perspectiva, 1973.

DUTT, Carsten. História(s) e Teoria da história: entrevista com Reinhart Koselleck. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 8, n. 18, 2015. <https://doi.org/10.15848/hh.v0i18.884>

ESCUADERO, Jesús Adrián. El lenguaje de Heidegger. **Diccionario filosófico 1912–1928**, Herder, Barcelona, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, a genealogia, a história. Ditos & escritos II. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 3 ed. Trad.: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Verdade e método II. Complementos e índice**. Trad.: Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.

GARDINER, Patrick (org.). **Teorias da História**. Lisboa: Fundação Calouste, Gulbenkian, s/d, 1984.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo. Parte II**. 13 ed. Trad.: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2005.

JAY, Martin. **Should Intellectual History Take a Linguistic Turn? Reflections on the Habermas-Gadamer Debate**. New York: Routledge, 1988.

JORDHEIM, Helge. Against periodization: Koselleck's theory of multiple temporalities.

History and Theory, v. 51, n. 2, p. 151-171, 2012. [https://doi.org/10.1111/j.1468-](https://doi.org/10.1111/j.1468-2303.2012.00619.x)

[2303.2012.00619.x](https://doi.org/10.1111/j.1468-2303.2012.00619.x)

MEGILL, Allan. **Historiologia /filosofia da escrita histórica**. In: MALERBA, Jurandir (org.). **História & narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 35-43.

MANDINGORRA, Juan Sánchez. Los problemas de una ciencia de la historia en Reinhart Koselleck. **Revista de Historiografía (RevHisto)**, n. 34, p. 75-99, 2020. <https://doi.org/10.20318/revhisto.2020.5096>

OLIVEIRA, Gustavo Castanheira Borges de. “Conflito” e “humanidade”: as antropologias históricas de Reinhart Koselleck e Jörn Rüsen. **Diálogos**, v. 22, n. 3, p. 166-185, 2018. <https://doi.org/10.4025/dialogos.v22i3.42131>

_____. **Pluralidade e universalidade: estudo sobre as concepções de tempo e história em Reinhart Koselleck e Jörn Rüsen**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG, 2018.

OLSEN, Niklas. **History in the plural. An introduction to the Work of Reinhart Koselleck**. New York: Berghahn Books, 2012.

PEREIRA, Luisa Rauter. **A História e “o diálogo que somos”: a historiografia de Reinhart Koselleck e a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer**. 2004. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2004.

_____. O debate entre Hans-Georg Gadamer e Reinhart Koselleck a respeito do conhecimento histórico: entre tradição e objetividade. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, V. 4, n.7, p. 245-265, 2011. <https://doi.org/10.15848/hh.v0i7.240>

POMPÉO, Wagner Augusto Hundertmarck. Os novos rumos da Teoria da História: como os pares antitéticos assimétricos propostos por Koselleck podem ajudar a melhor compreender a crítica ao descontinuísmo de David Carr? **Expedições: teoria da história e historiografia**, v. 8, n. 3, p. 362-375, 2017.

RAMOS, Froilan. Huella De Hans-Georg Gadamer En Reinhart Koselleck. Aportes a La Historia Conceptual (The Hallmark of Hans-Georg Gadamer in Reinhart Koselleck. Contributions to Conceptual History). **HiSTOReLo. Revista de Historia Regional y Local**, 2018, p. 239-268, 2017.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UnB, 2001.

_____. The horizon of history moved by modernity: After and beyond koselleck. **History and Theory**, v. 60, n. 4, p. 74-81, 2021. <https://doi.org/10.1111/hith.12237>

SIMON, Zoltán Boldizsár. **Os teóricos da História têm uma teoria da história? Reflexões sobre uma não-disciplina**. 2019.

SOARES, Luiz Eduardo. **O rigor da indisciplina**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

WHITE, Hayden: **Meta-história: A imaginação Histórica do Século XIX**. Trad. José Laurênio de Melo, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

ZAMMITO, J.H. Koselleck's Times. **History and Theory**, v. 60, n. 2, p. 396-405, 2021.
<https://doi.org/10.1111/hith.12215>